

bibliografia commentada

Panorama da educação jesuítica no Brasil colonial: síntese do conhecimento em teses e dissertações

Maria Cristina Piumbato Innocentini Hayashi^{*}
Carlos Roberto Massao Hayashi^{**}
Márcia Regina da Silva^{***}

Introdução

137

Com o propósito de trazer outros olhares sobre o mundo colonial ibérico-português, apresentamos nesta seção um panorama da educação jesuítica no Brasil-Colônia, elaborado com base em uma síntese do conhecimento consolidado em produção científica acadêmica, representada por teses de livre-docência e de doutorado e dissertações de mestrado defendidas em instituições de ensino e pesquisa do País.

Esses trabalhos, em nosso entendimento, ampliam o leque de discussões sobre o Brasil colonial, especificamente com relação à ação pedagógica dos jesuítas no território nacional. Constituem, portanto, importantes contribuições para esta temática que ainda permanece à margem da produção historiográfica nacional, seja pelas próprias características inerentes às fontes primárias que necessitam ser compulsadas, seja pelas dificuldades com relação às condições de acesso a essa documentação.

Em que pesem os importantes avanços propiciados pelos programas de resgate e digitalização de fontes primárias no País e no exterior e o apoio de agências de fomento para o desenvolvimento das pesquisas, o pesquisador que opta por trabalhar

^{*} Doutora em Educação/UFSCar, docente do Departamento de Ciência da Informação e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial/UFSCar. E-mail: dmch@ufscar.br.

^{**} Doutor em Educação/UFSCar, docente do Departamento de Ciência da Informação e Chefe da Unidade Especial de Informação e Memória do Centro de Educação e Ciências Humanas/UFSCar. E-mail: massao@ufscar.br.

^{***} Doutoranda em Educação/UFSCar, bibliotecária da USP-Ribeirão Preto. E-mail: marciaregina@usp.br.

com este recorte temporal ainda necessita de outros investimentos. Os deslocamentos para o exterior – notadamente para países como Portugal, Espanha e Holanda, onde se encontram os mais importantes documentos sobre o período colonial brasileiro – associados às dificuldades de caráter paleográfico e de variações lingüísticas que as fontes primárias apresentam são fatores que consomem recursos e tempo nas pesquisas, fazendo com que o trabalho do pesquisador seja árduo, moroso, pouco atrativo e nem sempre valorizado, como já referiu Assunção (2006).

Apesar de a comunidade acadêmica ter produzido uma série de trabalhos com foco no período colonial, Bittar (2006) informa que esta produção não se dá na mesma intensidade dos outros períodos, assinalando que, a despeito da presença hegemônica dos jesuítas no País por 210 anos, especificamente com relação aos estudos da História da Educação, essa presença é pouco estudada, notando-se uma lacuna proeminente tanto nos estudos de pós-graduação como em artigos científicos e nas comunicações apresentadas em eventos científicos. Para esta autora, enquanto alguns temas e períodos são candentes e dão prestígio, a temática da educação jesuítica não desperta o mesmo interesse, a despeito de ter estado na gênese da formação da sociedade brasileira e de nela ter deixado marcas indeléveis.

As explicações teóricas para esta constatação podem ser buscadas em Bourdieu (2005), que destaca em seu ensaio sobre o método científico a existência de uma hierarquia social dos objetos por meio da qual se impõe uma espécie de *censura* específica de um campo determinado. Neste aspecto,

138

[...] a definição dominante das coisas boas de se dizer e dos temas dignos de interesse é um dos mecanismos ideológicos que fazem com que coisas também muito boas de dizer não sejam ditas e com que temas não menos dignos de interesse não interessem a ninguém, ou só possam ser tratados de modo envergonhado ou vicioso.

À hierarquia dos objetos soma-se a hierarquia dos domínios que orienta os investimentos intelectuais dos agentes, mediados pela estrutura de oportunidades de lucro material e simbólico, conduzindo aqueles que trabalham com objetos considerados “menos importantes” a esperar de um outro campo a recompensa recusada de antemão do seu campo científico.

Na mesma direção, Santos (1989, p.139) também argumenta que “as condições teóricas do trabalho científico (modelos teóricos, metodológicos e conceituais) não só evoluem historicamente com a sua aceitação e modo de aplicação como num certo momento depende do grupo de cientistas com mais autoridade no seio da comunidade científica”, sendo que o seu reconhecimento e aplicação “é o resultado de um complexo processo de ‘estratégia de institucionalização’, que engloba um sistema de argumentação e um conjunto de ações institucionalizantes que têm lugar no seio da comunidade científica”.

Este conjunto de considerações constituiu o ponto de partida para a realização de um estudo de caráter exploratório e descritivo com o objetivo de verificar a presença da temática da educação jesuítica na produção científica de teses e dissertações defendidas no País e no exterior. Esta pesquisa que se encontra em andamento insere-se na linha de pesquisa “Fontes de Informação sobre Educação Jesuítica no Brasil Colonial” do grupo de pesquisa “Educação Jesuítica no Brasil Colonial: 1549-1759”, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq, vinculado

institucionalmente ao Departamento de Educação da UFSCar. Nesta seção do *Em Aberto* apresentamos os resultados referentes à primeira etapa da pesquisa, correspondente ao levantamento realizado em bases de dados nacionais.

O artigo está estruturado em cinco partes, além desta introdução: na primeira, apresentamos a metodologia adotada e os procedimentos de coleta dos dados. Nas três partes seguintes, os resultados obtidos são descritos e analisados à luz do referencial teórico. As considerações finais fecham o artigo com reflexões gerais sobre os achados da pesquisa. Finalmente, apresenta-se uma lista das referências que subsidiaram o texto e das dissertações e teses que enfocam a temática da educação jesuítica, cumprindo assim o propósito desta seção denominada "Bibliografia".

1 Os caminhos da pesquisa

Com o intuito de verificar se a Educação Jesuítica é tomada como objeto de pesquisa em teses e dissertações, foi realizada uma pesquisa exploratória e descritiva que envolveu as seguintes etapas: a) definição teórica do campo de estudo; b) pesquisa nas bases de dados para coleta de informações; c) registro e organização dos dados; d) leitura dos resumos dos trabalhos; e) categorização dos estudos, de acordo com os seguintes aspectos: ano de produção, nível de pós-graduação (mestrado, doutorado, livre-docência), vinculação institucional dos pesquisadores (autores e orientadores), áreas de conhecimento e temáticas abordadas.

Foram eleitas como fonte de dados da pesquisa os seguintes bancos de teses e dissertações disponíveis na Internet:

- 1) Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (Ibict),¹ que constitui um catálogo nacional de teses e dissertações em texto integral e referencial provenientes das IES, possibilitando uma forma única de busca e acesso a estes documentos;
- 2) Banco de Teses da Capes,² composto por duas ferramentas de busca e consulta a informações sobre teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do País: a) resumos relativos a teses e dissertações defendidas a partir de 1987 – informações fornecidas diretamente a Capes pelos programas de pós-graduação, que se responsabilizam pela veracidade dos dados; b) textos completos, que contêm a íntegra de teses e dissertações da área de História – trata-se de projeto piloto da Área de História, coordenado pelo professor Manolo Florentino (UFRJ) com o apoio da Capes;
- 3) Bibliotecas Digitais de Teses e Dissertações das seguintes instituições: USP, Unicamp, Unesp, UFSCar, PUC-RJ, PUC-RS, PUC-PR, Unisinos, UFRGS, UFPR, UFF, UFSC.

¹ Disponível em <http://bdtd.ibict.br/>.

² Disponível em: http://www.capes.gov.br/capes/portal/conteudo/10/Banco_Teses.htm.

Em seguida e com base na literatura da área, definiram-se as seguintes expressões de busca para consulta aos bancos de dados: “educação jesuítica”, “pedagogia jesuítica”; “jesuítas”, “catequese”; “colonização”; “colégios jesuíticos”; “Companhia de Jesus”, “Ratio Studiorum”; “Brasil Colonial”.

É importante esclarecer que não pretendemos, com este levantamento, realizar um “estado da arte” da Educação Jesuítica no Brasil Colonial, mas apenas uma compilação crítica de informações suficientes para compor um perfil do conhecimento desta temática com base na produção científica de teses e dissertações.

Deste ponto de vista, o estudo realizado não é exaustivo nem definitivo, e apresenta algumas limitações. As principais dificuldades referem-se ao período abrangido – ou seja, abarca a produção científica referente ao período 1970–2006 – e ao fato de que o resumo foi o principal tipo de documento a que se teve acesso nesses bancos de dados.

Do mesmo modo, é válido assinalar que a maior parte dos resultados obtidos teve origem no banco de teses da Capes, no módulo de resumos, sendo que os resumos de teses e dissertações cadastrados referem-se àquelas defendidas a partir de 1987, e a última atualização deste banco de dados foi realizada em dezembro de 2004.

Com relação aos resumos, não desconhecemos os questionamentos que são feitos a este tipo de fonte de informação. Ferreira (2002) pergunta se é possível tecer um discurso que analise, interogue, explique convenientemente cada conjunto de trabalhos produzidos em uma determinada área do conhecimento a partir apenas de resumos, ignorando a leitura das pesquisas na íntegra. Após discorrer sobre as dificuldades que este tipo de documento traz para a realização de pesquisas do tipo “estado da arte”, a autora conclui que, de todo modo,

[...] pode-se estabelecer a partir de uma certa ordenação de resumos uma rede formada por diferentes elos ligados a partir do mesmo *suporte material* que os abriga, pela *opção teórica* manifesta, pelo *tema* que anuncia, pelo *objetivo* explicitado da pesquisa, pelo *procedimento metodológico* adotado pelo pesquisador.

O resultado é que um conjunto de resumos organizados em torno de uma determinada área do conhecimento, segundo Ferreira (2002), “pode nos contar uma História de sua produção acadêmica, e nesta História foram considerados alguns aspectos dessa produção”. Ou seja, a possibilidade de leitura de uma História pelos resumos que sabemos

[...] não poder ser considerada a única, tampouco a mais verdadeira e correta, mas aquela proposta pelo pesquisador do “estado da arte”; pode ainda ser resultado da compreensão das marcas deixadas pelos autores/editores em cada resumo e do estabelecimento de relações de cada um deles (resumo) com outros, e também com uma bibliografia que extrapola a da produção de dissertações e teses.

Estas limitações, portanto, não foram ignoradas no desenvolvimento da presente pesquisa. Nos casos em que tivemos acesso ao texto integral das teses e dissertações, foi possível superar estas dificuldades. No entanto outras permaneceram, tais como o fato de alguns registros recuperados nas bases de dados não apresentarem resumos e outros em que os resumos padecem de falta de objetividade e precisão na linguagem.

2 As teses e dissertações com foco no período colonial

Inicialmente, assinalamos o caráter preliminar dos resultados apresentados neste artigo lembrando que outras bases de dados deverão ser averiguadas para um mapeamento mais completo sobre a produção científica em Educação Jesuítica oriunda de teses e dissertações defendidas em instituições do País.

Na primeira etapa foram recuperados 275 trabalhos, e todos eles atenderam ao critério principal da pesquisa, que é o de enfocarem o período colonial; ou seja, são teses e dissertações que abarcam o período de 1500 até 1822. A análise desses resultados permitiu verificar os seguintes aspectos sobre esta produção científica:

a) o período abrangido é de 1970 a 2006, sendo que o trabalho mais recuado (1970) é a dissertação de mestrado em História na FFLCH/USP, de Uacury Ribeiro de Assis Bastos, intitulada *Jesuítas e seus sucessores: mochos e chiquitos (1767-1830)*, orientada por Manuel Nunes Dias. Os dois trabalhos mais recentes datam de 2006, e são: a dissertação de mestrado em História na UFF, de Regina Célia de Melo Moraes, *L. A. Muratori e o cristianismo feliz na missão dos padres da Companhia de Jesus no Paraguai*, orientada por Guilherme Pereira das Neves, e a dissertação de mestrado em História Social na FFLCH/USP, de Renato Matsui Pisciotta, *"Atraso" e "Processo" na difusão da cultura científica: o Brasil entre o barroco e o iluminismo no mundo luso do século XVIII*, orientada por Gildo Magalhães.

b) a distribuição dos 275 trabalhos por nível apontou que 187 são dissertações de mestrado, 83 são teses de doutorado e 5 são teses de livre-docência, a saber:

HADDAD, Ibrahim. *A educação brasileira dos séculos XVI e XVII: o ensino humanístico e prático da Companhia de Jesus no Brasil dos séculos XVI e XVII*. Franca: FDHSS/Unesp, 1973.

PONTES, Joel Albuquerque. *Teatro de Anchieta*. Recife: Instituto de Letras/UFPE, 1976.

ROCHA FILHO, Gustavo Neves da. *São Paulo: redirecionando sua história*. São Paulo: FAU/USP, 1992.

MASSIMI, Marina. *Descoberta, ação, conhecimento e poder no Brasil colonial: estudos histórico-psicológicos*. Ribeirão Preto: USP, 1995.

MONTEIRO, John Manuel. *Tupis, tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo*. Campinas: Unicamp, 2001.

c) quanto às instituições em que as teses e dissertações foram defendidas, elas totalizam 31, e a maior concentração está na USP (85 trabalhos), vindo em seguida a Unicamp (31), a UFRJ (18), a Unisinos e a UFF (16 cada), a PUC-

- RS, (14), a UFPE e a PUC-SP (13 cada), a PUC-RJ (11) e a Unimep (10). As demais 21 instituições apresentaram números de trabalhos que variaram entre 6 (Unesp) e 1 (12 instituições).
- d) com relação à distribuição dos orientadores das 275 teses e dissertações, os resultados apontaram que José Maria de Paiva (Unimep) orientou o maior número de dissertações e teses (8), seguido por Arno Álvares Kern (PUC-RS), com 7 orientações. Fernando Antonio Novaes (USP) e Pedro Ignácio Schmitz (Unisinos) orientaram 5 trabalhos cada. Os demais orientadores foram responsáveis por um número que variou de 5 a 1 orientação.
- e) são 21 os pesquisadores que, após o mestrado, deram continuidade a pesquisa com foco no período colonial e defenderam suas teses de doutorado, algumas vezes com o mesmo orientador e na mesma instituição. São eles: Amoroso (1991, 1998); Assunção (1995, 2001); Brum (1998, 1999); Carvalho (1996, 2005); Casimiro (1995, 2002); Consiglio (1997, 2003); Fleck (1991, 1999); Flores (1975, 1984); Luz (1999, 2003); Menezes (1992, 1999); Muhana (1989, 1996); Najjar (2001, 2005); Quintana (2000, 2003); Raminelli (1990, 1994); Resende (1993, 2003); Santos (1991, 1997); Several (1993, 2002); Célia Tavares (1995, 2002); Josefa Tavares (1990, 2001); Torres (1990, 1997). É importante mencionar que os trabalhos de Brum (1998, 1999) não são teses de doutorado e sim de mestrado, defendidas em dois programas diferentes (Educação e Integração Latino-Americana) na mesma instituição (UFMS), enquanto que os de Several (1993, 2002) são dissertações de mestrado em História em duas instituições diferentes: PUC-RS e USP.
- f) a distribuição das 275 dissertações e teses por área de concentração do Programa de Pós-Graduação revelou que a maioria está vinculada a programas de História (119 trabalhos), seguida de Educação (46), Letras (16), Antropologia Social (12), Arquitetura (8), Lingüística (5), Literatura Brasileira (5), Língua Portuguesa, Psicologia e Integração Latino-Americana (4 cada), e que as demais 52 teses e dissertações distribuem-se em outras 33 áreas de conhecimento. Em termos de grande área do conhecimento, a distribuição dos 275 trabalhos assumiu a seguinte configuração: 1 trabalho na área de Engenharia, 7 em outras áreas, 15 trabalhos na área de Ciências Sociais Aplicadas, 46 em Lingüística, Letras e Artes e 206 na área de Ciências Humanas.
- g) as palavras-chave atribuídas às 275 dissertações e teses totalizaram 922, e entre as 10 mais citadas foram encontradas as seguintes: jesuítas (67), Brasil colonial (19), Companhia de Jesus (16), missões (14), educação (13), Anchieta, colonização e índios (12 cada), Antonio Vieira e catequese (10 cada). Com base nestas palavras-chave, podem ser identificadas as principais temáticas abordadas nos trabalhos.
- h) observou-se ainda um conjunto de 9 pesquisadores que, após defenderem suas dissertações de mestrado e teses de doutorado com foco no período

colonial, tornaram-se orientadores de trabalhos de pós-graduação na mesma temática.³ É o caso de Pécora (1989), Kern (1979), Fleck (1991, 1999), Monteiro (2001), Meihy (1976), Paiva (1978), Santos (1991, 1997), Flôres (1975, 1984) e Massimi (1995). Os trabalhos destes orientadores, realizados nas grandes áreas de conhecimento da Literatura, História e Psicologia, constituem, hoje, obras de referência para a compreensão da sociedade brasileira no período colonial.

Finalmente, é necessário fazer uma última observação sobre a dificuldade encontrada para sistematizar os resultados destes 275 trabalhos, em face da qualidade e riqueza das temáticas e pesquisas realizadas – somadas ao fato de que muitas teses e dissertações, como já mencionamos, tornaram-se clássicas e são obras de referência na área – e dos necessários limites de espaço determinados para esta Seção. Desta perspectiva, algumas temáticas e alguns autores revisitados pelos pesquisadores e importantes para a compreensão do amplo espectro de temas que abarca o período colonial ficaram de fora na sistematização adotada. É o caso, por exemplo, dos inúmeros estudos com foco nas obras e atuação de Vieira, Nóbrega, Frei Vicente do Salvador, Simão de Vasconcelos, bem como sobre a atuação dos jesuítas no Centro-Oeste, Nordeste, Norte e Sul do País, seja em aldeamentos ou em missões, até os temas relacionados com a música e com a arquitetura no período colonial, com os povos indígenas colonizados, com os discursos e obras literárias – inclusive a dos viajantes – produzidas no período, com os aspectos científicos e econômicos da produção literária da época, todos eles imprescindíveis para a compreensão do que chamamos aqui de “período colonial brasileiro”. Mesmo correndo o risco de “jogar fora a criança junto com a água do banho”, acreditamos que o critério escolhido atendeu ao objetivo inicial, que é o de oferecer um panorama da produção científica.

3 A educação jesuítica em teses e dissertações

Os achados da pesquisa indicaram que nem todas as 275 teses e dissertações localizadas atendiam ao propósito da pesquisa, que é o de verificar se a educação jesuítica foi tomada como objeto de estudo nas teses e dissertações.

Isto significou delimitar o período inicial para 1549-1759, compreendendo o ano de 1549 como aquele que marca a chegada dos primeiros padres jesuítas ao País e o de 1759, aquele em que o então Marquês de Pombal expulsa os jesuítas do reino e dos seus domínios e instala uma série de medidas que modificariam o cenário educacional brasileiro. Com esta delimitação, o universo de 275 trabalhos iniciais foi reduzido para 40 teses e dissertações. A análise destes trabalhos permitiu traçar o seguinte panorama desta produção científica:

³ Outros nomes relacionados entre os 275 podem estar vinculados hoje a Programas de Pós-Graduação. Não se trata aqui de excluí-los, mas apenas destacar, neste levantamento, aqueles que mantiveram o vínculo em suas pesquisas com o período estudado.

- a) as teses e dissertações foram defendidas no período compreendido entre 1973 e 2005, conforme aponta o Quadro 1;

Quadro 1 – Distribuição anual das teses e dissertações

1973	1978	1991	1993	1994	1996	1997	1998	1999	2001	2002	2003	2004	2005
1	2	1	3	2	3	1	5	3	6	5	3	4	1

- b) o trabalho defendido há mais tempo (1973) é a tese de livre-docência de Haddad (1973) e o mais recente é a tese de doutorado em educação de Nogueira (2005), defendida na FE/USP e orientada por Tizuko Morchida Kishimoto;
- c) a distribuição dos 40 trabalhos por nível apontou que 62% (25) são dissertações de mestrado, 35% (14) são teses de doutorado e 1 é tese de livre-docência, ou seja, o já citado trabalho de Haddad (1973);
- d) quanto às instituições em que as teses e dissertações foram defendidas, elas totalizaram 14 e a maior concentração de trabalhos está na Unimep (9), vindo em seguida a Unicamp (7), a USP (5) e a UFF (3). PUC-SP, Unesp, UFSM, UFRJ, UFBA e UEM comparecem com 2 trabalhos cada; UFSC, UFPE, Uerj e PUC-RJ, com apenas 1 trabalho cada uma;
- e) com relação à distribuição dos orientadores das 14 teses e 25 dissertações, os resultados apontaram que José Maria de Paiva (Unimep) orientou o maior número de dissertações e teses (7), seguido por Célia Frazão Soares Linhares (UFF), com duas orientações. Os demais 31 orientadores foram responsáveis por uma orientação cada;
- f) nenhum pesquisador que defendeu dissertação de mestrado deu continuidade à pesquisa no doutorado com foco na educação jesuítica. Apenas uma pesquisadora (Brum, 1998 e 1999) realizou duas pesquisas de mestrado em Programas de Pós-Graduação diferentes (Educação e Integração Latino-Americana), embora na mesma instituição (UFSM);
- g) a distribuição das 40 dissertações e teses por área de concentração do Programa de Pós-Graduação revelou que a maioria está vinculada a Programas de Educação (34 trabalhos), seguida por Programas de História, com quatro trabalhos. Os Programas de Literatura Brasileira, Língua Portuguesa e Teoria e História Literária, Integração Latino-Americana, Comunicação, Engenharia de Produção tiveram apenas um trabalho cada. Em termos de grande área do conhecimento, a distribuição dos 40 trabalhos assumiu a seguinte configuração: 34 na área Ciências Humanas, três na área de Lingüística, Letras e Artes, um trabalho cada nas áreas de Engenharias, Ciências Sociais Aplicadas e Multidisciplinar (Integração Latino-Americana);
- h) as palavras-chave atribuídas às 40 dissertações e teses totalizaram 187, e entre as 10 mais citadas foram encontradas as seguintes: educação (13), jesuítas (10), educação jesuítica (5), história (4), Companhia de Jesus (4), Anchieta, Brasil-Colônia, educação brasileira, pedagogia jesuítica, *Ratio Studiorum* (3 citações cada). As 15 seguintes tiveram duas citações cada uma, e as 105

restantes tiveram uma citação cada. Com base nestas palavras-chave, podem ser identificadas as principais temáticas abordadas nos trabalhos.

4 A apropriação da educação jesuítica no Brasil colonial como objeto de estudo em teses e dissertações

Visando iluminar o campo de conhecimento da História da Educação e apontar as pesquisas realizadas que enfocaram a educação jesuítica no período colonial brasileiro, apresentamos a seguir uma síntese desses 40 trabalhos,⁴ distribuídos em 10 categorias.

Essas categorias foram estabelecidas com base nos resumos das teses e dissertações e, também, no significado destes conceitos expressos na literatura de referência da área.

Quadro 2 – Categorização das teses e dissertações

Categorias	Teses e Dissertações
Administração, Economia e Negócios Jesuíticos	Assunção (2001)
Anchieta e o Teatro Anchietano	Aragão (1993); Pintinha (2004); Dias (2001); Hernandes (2001); Luz (1999); Deboni (2002)
Colonização e Catequese	Paiva (1978); Colares (2003); Meneguetti (2003)
Colégios Jesuíticos	Medina (2002); Santos (1996)
Companhia de Jesus	Costa (2004); Ffecilcam (1994); Haddad (1978); Menezes (1999); Wrege (1993)
Educação Jesuítica	Bonato (1998); Cás (1996); Damasceno (1998); Diez (2001); Lehmkühl (1991); Nogueira (2005); Puentes (2003); Raymundo (1998); Sangenis (2004); Wooley (2004)
Pedagogia Jesuítica	Antoniazzi (1994); Casimiro (2002); Fernandes (1978); Klein 1997); Martins (1996); Vieira (1998)
<i>Ratio Studiorum</i>	Dias (2002); Silva (2001)
Língua e Literatura no Brasil Colonial	Casagrande (2001); Oliveira (2002)
Missões Jesuíticas	Brum (1998); Brum (1999)

145

Com base nesta categorização, apresentamos a seguir a visão de cada um desses pesquisadores expressa nos resumos⁵ de suas teses e dissertações.

4.1 Administração, economia e negócios jesuíticos

Os detalhes da administração e negócios jesuíticos onde se definiam as estratégias e empreendimentos dos jesuítas nos séculos 17 e 18 foram dissecados por Assunção (2001), que em sua tese de doutorado teve por objetivo “analisar as

⁴ Com exceção, é claro, daqueles que já foram mencionados em outros tópicos deste artigo.

⁵ Além das teses de livre-docência, apenas os resumos dos trabalhos de Haddad (1978) e Wrege (1993) não constavam das bases de dados consultadas. Outros *sites* de bibliotecas digitais de teses e dissertações e das instituições onde estes trabalhos foram defendidos foram consultados; no entanto, o resultado das buscas foi nulo.

atividades econômicas realizadas pelos jesuítas no Brasil e suas interações dentro do império português, durante o período de 1549-1759”.

O autor destaca

[...] o modo pelo qual se processou a formação das propriedades e bens jesuítas, assim como o vínculo direto da Companhia de Jesus com os princípios e práticas da economia mercantil expansionista do período, que levaram a Instituição e seus membros a serem acusados de ingerência em negócios temporais.

Para ele,

[...] a ação dos padres administradores/procuradores, que organizava e dava impulso às atividades produtivas, revela que muitos deles deveriam possuir, além de um arcabouço espiritual, um conhecimento profundo do sistema produtivo a que estavam vinculados. Esta configuração exteriorizou, não raras vezes, as feições de poder dos membros da Companhia, sujeitos em algumas circunstâncias aos ataques e às críticas de seus próprios pares, por condutas que se distanciavam do ideal jesuítico. Crítica que também era feita por setores da sociedade colonial que alertavam para o fato de o temporal e espiritual possuírem interesses convergentes.

Ao compulsar missivas, cartas anuais, relatórios e outros documentos dirigidos pelos jesuítas aos padres superiores, procuradores, prefeitos e reitores, nos colégios de Lisboa, Porto, Coimbra e demais localidades do território português, Assunção (2001) verifica que aí se encontrava registrada “a forma como eram administradas as diversas propriedades da Ordem, ao mesmo tempo em que destacavam a necessidade e a importância da manutenção das propriedades produtivas para o bom funcionamento da Instituição”.

146

Um aspecto importante destacado na pesquisa de Assunção (2001) refere-se ao fato de que “esta farta correspondência permite reconstituir e compreender o pano de fundo do contexto social em que os religiosos atuaram”. Para o autor, “os documentos revelam um complexo jogo político e econômico que envolvia jesuítas, nobreza, monarca, funcionários da coroa, mercadores e escravos em relações nem sempre amistosas e tranqüilas”. Além disto, “as cartas escritas nesse período revelam que a Companhia de Jesus interagiu com o universo produtivo colonial e utilizou-se do sistema para a produção de gêneros ou a criação de animais que visavam ao atendimento das residências e colégios”.

Assunção (2001) também destaca que os jesuítas, envolvidos, por exemplo, com a produção de açúcar, foram forçados ao relacionamento com os produtores, lavradores, escravos e comerciantes coloniais, adotando práticas administrativas similares àquelas empreendidas pelos grandes senhores de engenho.

Para o autor,

[...] este comportamento é esboçado nos registros, onde são demonstradas as preocupações com a produção, como: a falta de liquidez, a dependência de crédito, a manutenção dos meios de produção, o transporte e os encargos de distribuição que eram acrescidos às preocupações espirituais dos jesuítas.

A tese de Assunção (2001) expõe o contraste entre a exigüidade de recursos financeiros que a Companhia de Jesus tinha quando desembarcou no País – o que constituía um obstáculo para a ação evangelizadora – e aqueles que ela acumulou até

a sua expulsão do Império Português, em 1759, ocasião em que era tida como uma das mais ricas e influentes instituições do mundo cristão.

4.2 Anchieta e o teatro anchietano

Nesta categoria estão incluídos os trabalhos que enfocam a ação pedagógica e o teatro jesuítico de José de Anchieta no processo de colonização e catequização dos índios no século 16.

Como referem Ferreira e Bittar (2004), o teatro anchietano é inseparável da catequese. Ao destacarem o teatro como uma forma de aculturação e educação e um recurso para a catequese – “e parte integrante do projeto colonizador lusitano” – Ferreira e Bittar (2004) também lembram que o teatro anchietano deve ser analisado como um “elemento de imposição do padrão lingüístico português sobre os demais idiomas, numa época em que se verifica a ausência de Nação e de Estado propriamente ditos e a coexistência de etnias, culturas e interesses sociais conflitantes”.

O teatro anchietano, segundo Azevedo Filho (2006), compõe-se de “peças de circunstância, escritas por ocasião de efemérides religiosas, para atender aos fins didáticos da catequese. O seu público era constituído de indígenas, soldados, colonos, marujos e comerciantes, pois estes eram os habitantes permanentes ou eventuais das primitivas aldeias”.

No que tange aos 40 trabalhos analisados, verifica-se que a temática do teatro anchietano,⁶ para fins educativos, está presente em três dissertações analisadas.

O estudo de Dias (2001), na área de Educação, teve por objetivo estudar o “teatro anchietano desenvolvido na colônia brasileira no século 16, seu valor histórico, seus pontos de contato com a cultura indígena e sua finalidade pedagógica” e “questionar a eficácia do teatro de Anchieta como instrumento de aculturação”. Para desenvolver o seu estudo, foi necessário, segundo a autora, “resgatar a dinâmica da conquista, estabelecendo como eixo a relação da Companhia de Jesus com o processo colonizador e perceber aquele momento histórico do encontro entre culturas tão diferentes”. Dias (2001) conclui que “as leituras sobre resistência indígena ajudaram a identificar de que maneira essas práticas, nas suas representações, se cruzaram e imbricaram diferentes formas culturais”. Para a autora, o que de mais significativo se pode demonstrar é “a polaridade entre o que os missionários pensaram ter criado e a contrapartida indígena, que reelaborou, de maneira bem própria, as imagens forçadas pelos inacianos”, concluindo, portanto, “que as interpretações que Anchieta fez no teatro não foram as mesmas feitas pelos índios”.

Outras pesquisas são oriundas das áreas de Lingüística, Letras e Artes. Seus autores submetem a análises os textos teatrais produzidos por Anchieta, tendo como base o referencial teórico da lingüística histórica e dos estudos literários.

⁶ Entre os 275 trabalhos mencionados no tópico 3, destaca-se a tese de livre-docência de Pontes (1976), uma referência para os estudiosos do tema.

É o caso, por exemplo, do estudo de Hernandes (2001), que estuda o teatro anchietano no campo da semiótica da história da cultura e de uma tradição do teatro medieval. O autor procura, "ao contrário dos postulados de uma crítica tradicional", "colocar em evidência que o teatro anchietano não pode ser circunscrito e compreendido apenas na esfera do pedagógico", uma vez que ele "é também um conjunto de signos postos em movimento no intuito de criar ilusões cênicas". As conclusões obtidas apontam que "a força do teatro de Anchieta repousa basicamente num magistral exercício de signos em que a arte e a educação estão indissolivelmente ligados".

Por sua vez, a área de História oferece sua contribuição ao tema com a dissertação de Luz (1999) ao argumentar que "o que se convencionou chamar de teatro anchietano não é propriamente um teatro no sentido contemporâneo. Também a sua autoria é duvidosa". Por isso o seu trabalho "visa buscar os sentidos dos textos chamados 'teatrais' para os projetos evangelizadores da Companhia de Jesus". Para a autora, "constatar que tais textos trazem uma linguagem religiosa não é considerá-los como 'ferramenta de aculturação' ou obras de estética universal". Ao contrário, "as representações e dramatizações alegóricas possibilitam a abertura de um mundo religioso, por meio de seus símbolos, revelando as 'verdades' portadoras de sinais legítimos do testemunho cristão". Luz (1999) vê nos textos a revelação de uma "cultura religiosa que se institui na situação de diálogo e confronto entre os projetos da Companhia de Jesus e o universo colonial e indígena na América portuguesa do século XVI".

Sob a perspectiva da Teoria e História Literária, Deboni (2002) concentra-se em sua dissertação ao estudo de alguns textos de José de Anchieta – *O Pelote Domingueiro; Canção da Cordeirinha Linda; Na visitação de Santa Isabel; Recebimento que fizeram os índios de Guaraparim ao padre Provincial Marçal Beliarte; Recebimento do Administrador Simões Pereira; Recebimento do P. Marcos da Costa* – e de alguns fragmentos dos autos *Na festa de São Lourenço* e *Na festa do Natal ou Pregação Universal*. O principal objetivo desse estudo foi "analisar como José de Anchieta adaptou seu pensamento religioso ao conhecimento presumível dos espectadores de sua obra, sendo eles os colonos, os índios e os próprios padres que à colônia foram enviados". A autora buscou analisar "como determinadas mensagens bíblicas foram transfiguradas em tais textos a fim de que pudessem ser melhor entendidas por seu público". Além disto, visou

[...] demonstrar que Anchieta não foi só um exemplar jesuíta, fiel discípulo dos ensinamentos de seu mestre Inácio de Loyola, como foi também um poeta cuja obra catequética tem valores literários. Tais aspectos são perceptíveis no trabalho com a linguagem e no uso de recursos literários, como alegorias, figuras e metáforas, os quais estão presentes nos textos analisados.

No âmbito da Educação, Aragão (1993) propõe-se investigar o trabalho pedagógico de José de Anchieta, utilizando fontes históricas primárias e secundárias. O estudo inicia com uma "análise política da Europa nos séculos XV e XVI", com a finalidade "de se entender o processo de colonização pelo qual passou o Brasil". A autora procurou "esboçar os primórdios da formação da ordem dos jesuítas, com o parâmetro de comparação de suas motivações em confronto com a ordem de São

Francisco". Argumenta sobre "como os habitantes primitivos do Brasil, os índios, receberam o homem branco, seus costumes e os primeiros resultados da catequese". E conclui que "caracterizou-se o resultado dessa catequese, mesmo com os elementos inovadores introduzidos por Anchieta, a luz de uma visão não colonizadora".

Pintinha (2004) também se propõe, em sua dissertação na área de Educação, "analisar a catequese e a educação na obra do padre José de Anchieta (1534-1597), com vistas a evidenciar a ligação existente entre a história da formação da cultura brasileira e a formação cultural portuguesa e o seu imbricamento na obra anchietana". E esclarece:

[...] o objeto em estudo foi abordado no contexto histórico de sua produção, o que implicou estabelecer a mediação da problemática tratada com questões culturais, políticas e econômicas do período do descobrimento e do primeiro século da colonização do Brasil, interligado à expansão capitalista européia e à substituição do pensamento medieval.

Justifica tal abordagem tendo em vista o propósito de "elucidar os elementos ideológicos do processo de construção da sociedade colonial brasileira e a importância dos colégios e atuação dos jesuítas para a implantação da cristandade e imposição dos costumes europeus aos habitantes do Brasil colonial.

Pintinha (2004) destaca ainda a importância da religiosidade como

[...] elemento amalgamador da sociedade colonial, localizando os conflitos sociais entre os portugueses e indígenas principalmente no campo da catequese e educação, atividades que visavam formar bons cristãos e líderes que fossem capazes de prestar serviços à comunidade e atuarem como multiplicadores das idéias e instituições portuguesas.

149

Para o autor, "estabelecer e manter a cristandade no Brasil colonial foi o trabalho executado pelos jesuítas e pelo padre José de Anchieta e que acabou por promover a coesão ideológica e justificou a autoridade e ações dos reis de Portugal".

Deste ponto de vista, a obra literária e artística do padre José de Anchieta exemplifica de maneira típica esse "processo de inserção da colônia na lógica do mercado internacional capitalista e do desdobramento da expansão comercial dos séculos XIV e XV, que sujeitou todo habitante aos interesses da Metrópole portuguesa". Para o autor, "impor sobre os indígenas a cultura portuguesa, emendar os costumes e fazer o regresso ao fervor dos colonos era a garantia do estabelecimento e sucesso da empresa portuguesa". Assim,

[...] o procedimento adotado pelos jesuítas para alterar a cultura indígena está presente nas cartas, sermões e no teatro anchietano, compondo uma visão etnocêntrica que não identificava o diferente como "outro", o que significou na prática que só sobreviveria nesta sociedade quem fosse sujeitado ou conseguisse fugir à perseguição dos portugueses.

Do mesmo modo,

[...] a influência dos líderes religiosos indígenas (os pajés) foi fortemente combatida pelos jesuítas, o desenvolvimento da ordem e da disciplina implicava em vigiar e controlar a prática social, fazer a gramaticalização da língua e demonização dos rituais indígenas, para posterior modificação e implantação de novos elementos culturais que substituíssem os contrários à mentalidade religiosa portuguesa.

O autor conclui que

[...] o padre José de Anchieta [e] todos os jesuítas devem ser considerados como conquistadores que atuaram como agentes promotores do mesmo processo que acabou por dizimar as comunidades nativas e transferir a posse do território indígena para o domínio dos portugueses [e que] a catequese e a educação foram as formas utilizadas para realizar a instrumentalização e o controle daquela realidade.

4.3 Colonização e catequese

O edifício colonial português no Brasil do século 16 foi erigido tendo como base de sustentação, segundo Ferreira e Bittar (2004), os seguintes elementos econômicos, sociais e culturais: "Igreja Católica, casa de bê-á-bá, catequese, colégio, aldeamento indígena, escravidão africana, fazendas de cana-de-açúcar e gado, câmaras municipais, homens bons (principais), padres jesuítas e colonos".

Esta temática está presente em três dissertações na área de Educação.

A reflexão sobre os aspectos econômicos, sociais, culturais e educacionais da colonização e catequese foi realizada por Paiva (1978) em sua dissertação de mestrado em Educação, orientada por Casemiro dos Santos Filho e que hoje constitui texto de referência⁷ para todos aqueles que pretendem enveredar pelo território da pesquisa sobre Educação, História e Cultura no Brasil Colonial.

O propósito de Paiva (1978) foi contextualizar a ação evangelizadora e catequética dos jesuítas mostrando "como a catequese serviu de instrumento da colonização", ou seja, como "não se pode analisar a catequese fora dos quadros reais do processo colonial". Para o autor "não se tratou de uma aliança entre o estamento mercantil dominante e o clero; mais profundamente, tratou-se de uma sociedade alicerçada sobre os mesmos fundamentos, tendo Deus por meta principal".

Meneguetti (2003), orientado por José Maria de Paiva, elaborou sua dissertação de mestrado, que teve como principal fonte de pesquisa as cartas jesuíticas de Nóbrega e Anchieta, com o objetivo de "pensar a importância e o significado da educação dos indígenas pelos portugueses", tendo como base o trabalho dos jesuítas. O objetivo foi

[...] trazer à tona a vertente da dominação política da Metrópole através da imposição da cultura portuguesa, paralelamente ao processo catequético jesuítico, cuja ação, embora claramente intencional e dominadora, demonstrou uma relativa consideração com a cultura nativa, pelo menos na prática de Anchieta, que buscou compreender a língua indígena para, a partir dela, aproximar-se mais das populações indígenas.

Ainda na área de Educação, a tese de doutorado de Colares (2003) analisou a situação do Grão-Pará colonial, no período que se estende da Fundação do Forte do Presépio, 1616, até o final da fase pombalina, em 1777. Para realizar o estudo, o autor recorreu aos "escritos de cronistas regionais, entre os quais padres jesuítas que foram

⁷ Publicada em forma de livro pela primeira vez em 1982, a obra de Paiva *Colonização e catequese* foi reeditada em 2006 acrescida de um capítulo intitulado "Após 25 anos", em que o autor faz uma "releitura do próprio texto" e do que foi "a catequese dos índios pelos portugueses quinhentistas".

testemunhas oculares dos acontecimentos descritos, além de livros de história da educação e teses que tratam de questões ligadas ao tema”.

Para Colares (2003), “colonização, catequese e educação são vistas como faces de uma mesma moeda, articuladas em um processo mais amplo que foi o do desenvolvimento e expansão do capitalismo”. Em seu entendimento,

[...] movidos pela necessidade de expandir seus territórios e suas redes comerciais e, concomitantemente, por interesses religiosos, portugueses e espanhóis, num primeiro momento, e depois outros povos do “Velho Mundo”, lançaram-se no além-mar e realizaram os chamados “Grandes Descobrimentos”. No “Novo Mundo”, deu-se o choque de culturas profundamente diferenciadas. Da parte do colonizador, havia a intencionalidade de modificar hábitos e crenças dos nativos para que pudessem melhor servir aos seus propósitos. Era necessário “civilizá-los”.

Desta forma,

[...] todo o complexo de interações entre os colonizadores e os habitantes nativos teve uma marca profundamente educativa. A catequese serviu não apenas para converter o índio para a fé cristã, mas também para adaptá-lo aos comportamentos necessários para que pudesse corresponder aos interesses econômicos. A catequese e todo o componente educativo a ela subjacente, no contexto da colonização, funcionaram como elementos ideológicos desagregadores do modo de vida e de produção das populações nativas, reorganizando o saber, o fazer e o poder, colaborando para a inserção do Brasil como fornecedor de produtos e riquezas que propiciavam a acumulação de capitais pela burguesia européia.

O autor conclui que a “escolarização também houve, mas limitada a uma minoria, reproduzindo e reforçando os privilégios e as estruturas sociais vigentes naquela época”.

151

4.4 Colégios jesuíticos

Segundo Alves (2005), as escolas jesuíticas inovaram em relação aos estabelecimentos educacionais católicos progressos. Para este autor, os colégios jesuíticos

[...] carregavam uma ambivalência quanto à finalidade, pois eram, ao mesmo tempo, seminários, tal como os preconizara o Concílio de Trento, e colégios para a formação de jovens burgueses e nobres, que buscavam sólida formação humanística visando desenvolver as bases para a realização, com sucesso, no futuro, de estudos superiores.

Entre os 40 trabalhos analisados, duas dissertações focalizam os colégios jesuíticos, conforme se vê a seguir.

Santos (1996), ao focalizar a escola e a escolarização das elites por meio de uma instituição católica, a Ordem Jesuíta, realiza uma “análise das origens históricas dos colégios jesuítas e de suas características pedagógicas.” A autora “amplia a temática resgatando historicamente o papel desenvolvido pela educação católica na política educacional brasileira e questiona algumas visões já sedimentadas que atribuem à Igreja Católica unicamente uma postura elitista e conservadora”.

Medina (2002) se propõe a caracterizar aspectos da educação jesuítica na atualidade em sua dissertação de mestrado em Educação e, para tanto, toma como objeto de estudo o Colégio Nóbrega do Recife. A autora busca

[...] compreender como um estabelecimento de ensino pertencente a uma ordem religiosa que se confunde com o modelo humanista tradicional de educação, cuja base teórica fundamenta sua organização e funcionamento, mantém-se, até hoje, prestigiado por uma clientela que reafirma uma preferência mantida por gerações.

Para tanto, confronta os documentos institucionais de natureza pedagógica do colégio com a observação de suas práticas educativas, com base nos quais “demonstra a permanência de um modelo tradicional de educação, valorizador da formação humana, mas que atende também os anseios de informação característicos da sociedade moderna”. Demonstra também “como o Colégio vem respondendo, com suas práticas pedagógicas, aos desafios da (in)formação”.

4.5 A Companhia de Jesus

Um grupo de jovens, reunidos em Paris e liderados por Ignácio de Loyola, fundou, em 1534, a Companhia de Jesus, ordem subordinada diretamente ao Papa. Quinze anos se passaram até que, em 1549, a Companhia de Jesus aportasse em terras brasileiras. Cerca de 50 anos após o descobrimento, sob a direção do então Padre Manoel de Nóbrega, a Companhia de Jesus inicia aqui a sua missão: a de converter os gentios com o fim de fortalecer e reestruturar o então abalado regime católico.

Segundo relata Paiva (2002), na Baía de Todos os Santos os religiosos edificaram o primeiro colégio, o Colégio dos Meninos de Jesus, e,

152

[...] com a construção da igreja e outras dependências administrativas, estava assentado o marco brasileiro de uma organização que, logo no primeiro século, cresceu de forma assustadora tanto em pessoal quanto em possessões. Quando Loyola morreu, em 1556, a Ordem contava com 1.000 membros e, em 1600, o número subiu para 8.000.

No conjunto de 40 trabalhos analisados, foram identificadas uma tese de livre-docência, duas teses de doutorado em Educação e duas dissertações de mestrado, também em Educação, que enfocam a Companhia de Jesus.

A tese de livre-docência de Haddad (1973), já mencionada, constitui, entre os 40 trabalhos obtidos neste levantamento, o mais antigo trabalho defendido.

Por sua vez, a tese de doutorado de Costa (2004) caracteriza-se como um “estudo sobre a forma de ser da Companhia de Jesus no interior do Império Português durante os anos de 1540 a 1599”, período que compreende desde a chegada dos primeiros jesuítas em Portugal (1540) até a publicação oficial do *Ratio Studiorum*, o principal documento educacional que a Companhia de Jesus produziu (1599).

A tese também objetivou “contribuir para a compressão da formação cultural do Brasil, na medida em que a atuação dos primeiros jesuítas em terras brasileiras, a partir de 1549, também fez parte da abrangência do padroado português”. Para tanto, o autor se dispôs a “entender a atuação dos jesuítas no contexto do padroado português e no processo de expansão comercial e política dos domínios da Coroa lusitana”. Também buscou compreender o significado do padroado enquanto “expansão do cristianismo católico e romano nas novas terras descobertas e/ou dominadas pelos reinos cristãos”.

Costa (2004) argumenta que “o pensamento mercantil presente na chamada empresa colonial e comercial também influenciou, de certa forma, a atuação dos jesuítas, considerando, no entanto, que racionalidade mercantil ainda não é sinônimo de razão burguesa nesse período”. Para o autor, “a racionalidade jesuítica se construiu com o tempo, a partir do momento em que aqueles padres assumiram atividades diversas, como as educacionais e missionárias”.

E, para dar conta desta problemática, ela estrutura sua tese em três partes: a primeira “versa sobre a relação da Companhia de Jesus com a Coroa Portuguesa e a atuação missionária sob o nome de Padroado”; a segunda sobre “a formação intelectual e espiritual do futuro jesuíta”; e a terceira sobre “a racionalidade em termos mais práticos, destacando a adaptação, a organização e a educação dos jesuítas, principalmente no terreno das missões”.

Menezes (1999), em sua tese de doutorado, ao “buscar as origens da organização do ensino no Brasil, nos primórdios de sua colonização, considerando as forças políticas subjacentes ao movimento sócio-econômico e cultural da época”, examina a história particular da sociedade brasileira no contexto do “mercantilismo português e do ônus decorrente do seu descompasso em relação à Europa mais desenvolvida”.

Para atender a este objetivo, a autora realiza um estudo da Companhia de Jesus,

[...] de como ela foi construindo sua concepção de ensino com base na atuação de seus mestres nos vários colégios implantados em diferentes países da Europa, possibilitou a compreensão do modo pelo qual esse ensino se manifestou em Portugal e da sua implantação/adequação na colônia brasileira. A investigação permitiu identificar no ensino brasileiro, organizado pelos jesuítas, em princípios do colonialismo português em terras brasileiras, a herança da cultura clássica na concepção e articulação das disciplinas de ensino e da organização escolar a partir de como ela se deu nas universidades medievais.

153

O ponto de partida de Ffecilcam (1994) é a busca da “resposta à questão proposta do por que da educação no Brasil trazida pelos jesuítas ter sido diferente do movimento de totalidade e mais especificamente ao movimento ilustrado de Portugal e Brasil-Colônia”. A pesquisa realizada é caracterizada pela autora como “histórica e contextualizada política, econômica e social” e destaca que a importância da metodologia reside na “pesquisa bibliográfica e documental da época” e na “análise da sociedade portuguesa no contexto de totalidade e a influência do sistema econômico”. A autora analisa as cartas jesuíticas I e II dos Padres Manoel da Nóbrega e José de Anchieta e destaca que “a preocupação central dos jesuítas era assegurar a formação de líderes administrativos e políticos e introduzir o índio no trabalho produzido na Colônia”.

O estudo de Wrege (1993) é um dos primeiros, entre os 40 trabalhos analisados, a tratar especificamente da Companhia de Jesus. Intitulado de *A educação escolar jesuítica no Brasil-Colônia: uma leitura da obra de Serafim Leite ‘História da Companhia de Jesus no Brasil’*, foi defendido como dissertação de mestrado na Área de Filosofia e História da Educação, sob a orientação de Demerval Saviani.

4.6 Educação jesuítica

Nesta categoria foram classificados 10 trabalhos, sendo 6 teses e 4 dissertações.

Para Lehmkuhl (1991), a escola brasileira, “nascida jesuítica, tem sua contextualização na sociedade portuguesa de meados do século XVI”. Para o autor, esta sociedade, “não renascentista e como que não européia, assume-se tipicamente como portuguesa e cristã, e impõe-se enquanto tal”. Argumenta ainda que, “através dos instrumentos disponíveis, a mentalidade que perpassa condiciona a escola que surge no Brasil e esta, desde o início, manifesta em suas formas o pensamento do estado português e da igreja católica”.

Em sua dissertação de mestrado em Educação, Bonato (1998) realizou pesquisa bibliográfica sobre a educação na modernidade, em que analisa

[...] três correntes do pensamento pedagógico dos séculos XVII e XVIII, que tiveram profunda repercussão em todos os sistemas educacionais do mundo ocidental, capazes de influenciar pedagogos e filósofos da educação na elaboração de propostas para a educação moderna: a dos jesuítas, a de John Locke e a de Jean-Jacques Rousseau”.

Segundo o autor, estas visões pedagógicas muitas vezes são antagônicas.

Nessa dissertação esboça-se uma “síntese das principais idéias dessas correntes de pensamento, que, com certeza, iluminaram a produção do conhecimento educacional da modernidade e as concepções pedagógicas contemporâneas”. O estudo trata, portanto, de

[...] resgatar os ideais dessas três correntes de pensamento pedagógicas e a sua contribuição na elaboração do conhecimento educacional e na formação da cultura do mundo ocidental, assim como a contribuição na elaboração do conhecimento como uma das formas de se ajudar a pensar a questão da cidadania.

Raymundo (1998) elaborou sua dissertação de mestrado com o propósito de entender a “prática pedagógica dos jesuítas que atuaram no Brasil no século da descoberta, no quadro de desenvolvimento mundial em que a busca do futuro se enfrentava com as tentativas de preservação do passado”. Para o autor, a procura de entendimento dessa prática adquire sentido

[...] quando percebemos que a literatura disponível sobre a matéria, por parâmetros diversos, insiste em afirmar, entre outros julgamentos, que o processo educacional na Colônia foi significativamente retrógrado, fora do contexto, com objetivos essencialmente religiosos.

Para fundamentar seu estudo, o autor recorre a Rabelais, Comenius e Locke, considerando que “estes pensadores são aceitos como legítimos representantes do pensamento moderno, principalmente naquilo que diz respeito à educação”. Assim, retira de suas obras “as recomendações feitas para a formação do homem da nova sociedade em desenvolvimento” e recolhe, “respectivamente de *Gargântua e Pantagruel*, *Didática Magna* e *Pensamientos sobre la Educación*, críticas feitas à escolástica quanto ao conteúdo e à forma de ensinar, sugestões e princípios para um ensino bem sucedido e questões necessárias para a formação do homem moderno”.

Com base em tais pressupostos, “considerados indispensáveis na modernidade”, Raymundo (1998) realiza uma

[...] comparação com as preocupações e as práticas dos jesuítas, reveladas principalmente em suas Cartas, e que tratavam das coisas da terra descoberta ou de seus estudos, das relações aqui estabelecidas e dos encaminhamentos político-educacionais considerados por eles necessários a toda gente da Colônia portuguesa.

O resultado da comparação

[...] leva, no mínimo, à afirmação de que não se pode interpretar a atuação dos primeiros Jesuítas no Brasil partindo dos limites da escolástica, pelas propostas formalísticas descritas na *Ratio Studiorum* e nem por uma intencionalidade evangelizadora delimitada, *a priori*, pelas regras ou pelos objetivos da Contra-Reforma.

Wooley (2004), em sua dissertação de mestrado em Educação, reporta-se ao ano de 1773, “quando se suprimiu a Companhia de Jesus” e que “foi um dos mais desconcertantes do século das Luzes”. Para a autora, a Ordem, outrora importante instrumento de legitimação e afirmação das monarquias católicas, “tornara-se um organismo incômodo no seio desses Estados, na medida em que cresciam a concorrência e os atritos entre os poderes secular e religioso ao longo do século”.

Ele aponta que, “sobretudo em função do magistério que ministrava”, a Ordem “converteu-se em símbolo do poder político exercido pela Igreja, que tanto incomodava as novas monarquias absolutistas. E foi em Portugal, país no qual a Companhia de Jesus possuía especial tradição, que a derrocada dos inicianos teve início em 1759”.

No seu estudo, Wooley (2004) se detém a estudar a obra de Luís Antonio Vernei, *O verdadeiro método de estudar*, de 1746. Para a autora, nesta obra, Vernei “tinha colocado definitivamente os jesuítas no centro das tensões políticas do século”, uma vez que “o livro atacava diretamente a figura dos mestres jesuítas e denunciava de modo ácido o caráter ultrapassado e pernicioso do seu ensino”. No entanto, argumenta a autora, “Vernei criticava algo mais que os aspectos filosóficos da escolástica jesuítica”. Sua crítica dirigia-se, na verdade, “ao monopólio que a Companhia de Jesus exercia sobre a formação da elite portuguesa, contestando assim sua autoridade”.

Por seu turno, “os jesuítas não tardaram em defender a tradição acumulada ao longo de quase dois séculos de magistério, o que gerou uma vigorosa polêmica em Portugal”. Assim, “inserida, sem dúvida alguma, no contexto maior de disputas entre o poder secular e o poder religioso que caracterizou o século XVIII europeu, e essa polêmica, em suas múltiplas dimensões”, é que constitui o objeto do trabalho de Wooley (2004).

A tese de doutorado em História elaborada por Cás (1996) tem como foco a educação jesuítica em nível superior. O autor postula “a existência da Universidade luso-brasileira: Universidade de fato (1572-1822)”, que “foi uma realidade na História da Educação Brasileira no período colonial”. Diz-se “Universidade de fato porque a de direito ou formal não foi criada, embora houvesse condições para tanto”. O objetivo dessa tese foi “traçar o perfil da Universidade Brasileira de fato que existiu sob diversas denominações: Jesuítica (1572-1759), Pombalina (1771-1800) e Joanina (1800-1822) e provar sua existência”.

Para tanto, Cás (1996) considera que “o acesso aos Cursos Universitários era feito através dos Cursos de Humanidades”, e que, “a partir da vigência dos Estatutos da Universidade Conimbricense Restaurada, passaram a outras exigências, como: idade, conhecimento e requisitos pessoais”. O autor afirma que

[...] a Universidade Jesuítica foi iniciada com a implantação do Curso de Humanidades (1552) e do Curso de Artes e de Teologia (1572), na Bahia, e foi consolidada com a concessão dos Graus Acadêmicos de Bacharel (1575), Licenciado (1576), Mestre em Artes (1578) e Doutor em Teologia (1585).

Por sua vez, “a Universidade Pombalina, no período pombalino, caracterizou-se, basicamente, pela ‘Restauração’ da Universidade de Coimbra com a adoção de novos Estatutos (1772), pela marcante influência da Ilustração e pela administração despótica”.

Cás (1996) também afirma que “a Universidade Conimbricense era organizada com os Cursos de Teologia, Direito Civil, Medicina, Matemática e Filosofia” e que “a Universidade Joanina Brasileira de fato, sem contar as Cadeiras isoladas ou independentes criadas no período de D. João VI, era constituída por três centros universitários: Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo”. Como conclusão, o autor afirma que,

[...] no período colonial brasileiro, existiram três Universidades de fato regidas por Estatutos. Elas concediam Graus Acadêmicos que eram aceitos, e a criação da Universidade formal e oficial só não ocorreu por causa da posição hegemônica ou intransigente da Universidade de Coimbra e da falta de vontade política dos monarcas.

156

Damasceno (1998) dedica-se, em sua tese de doutorado em Educação, a “sistematizar e analisar algumas idéias e dados sobre as origens da educação pública estatal na América Portuguesa”. O ponto de partida do autor é

[...] a idéia de que no governo de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, 19º (décimo nono) governador e capitão-geral do Grão-Pará e Maranhão entre os anos de 1751 e 1759, dá-se início a um amplo processo de transformações que culminaria, dentre outros acontecimentos, com o surgimento – pela primeira vez na América Portuguesa (território composto pelo Estado do Grão-Pará e Maranhão e pelo Estado do Brasil) – de escolas estatais que viriam substituir o sistema jesuítico de educação elementar, antes mesmo da reforma do ensino de Carvalho e Melo deflagrada em 1759, em Lisboa, e o instrumento legal utilizado para que isso acontecesse foi o “Diretório de 1757”.

Diez (2001) elaborou uma pesquisa de doutorado em Educação que foi “construída como uma arqueogenealogia da educação brasileira do período colonial, enfatizando epistemologia e história”. Para o estudo da epistemologia, a autora

[...] buscou nas práticas discursivas periféricas e/ou nos limiares da educação as descontinuidades e multiplicidades que permitiram organizar a diversidade em algumas regularidades dos saberes sobre a educação. Com este desígnio foram estudados os discursos contidos nos relatos de viajantes e nos Sermões do Padre Antônio Vieira – e neles identificadas as Eras da Semelhança e da Representação – corroborando a asserção foucaultiana das simultaneidades epistemológicas.

O segundo foco, o da história, “é abordado a partir da suspeita sobre a história oficial e se dirige à escavação dos *bas-fonds* das práticas educativas”. Deste modo,

[...] a cautela em relação ao patente – neste caso hegemonia, excelência e harmonia da educação jesuítica – permitiu escavar esses espaços periféricos, expondo-os à descontinuidade do olhar, ou seja, a uma visão que se interrompeu temporariamente para reenfocá-los.

Para a autora,

[...] uma vez que os *bas-fonds* remetem à escória e à zona de licenciabilidade, a pesquisa se fez em arquivos exteriores à educação – referentes às instituições religiosas, aos processos inquisitoriais, às histórias diversas – para que deles se manifestassem as possíveis relações.

Diez (2001) conclui que, assim,

[...] desnudou-se o diverso e o contingente no que se dava como permanente, evidenciando que a história da educação brasileira do período colonial manifesta-se como trajetórias de alteridades, sob as epistemes da Semelhança e da Representação.

O objeto de estudo da tese de doutorado em Educação de Puentes (2003) é o processo de formação da cultura brasileira no século 16, e o ângulo sob o qual este objeto é tomado é o educacional. O objetivo do trabalho foi

[...] avaliar a instrumentalidade cultural da educação jesuítica, através da análise da influência que exerceram entre os próprios portugueses a prática de seus serviços sacramentais e a concepção filosófica de seu método pedagógico, o *Ratio Studiorum*, dentro do Colégio, na transmissão e preservação da cultura portuguesa dominante no Brasil colonial (1549-1599).

Em tal sentido, o autor discute, em primeiro lugar, “a cultura portuguesa e as razões pelas quais a educação da Companhia de Jesus atendia aos interesses da Corte, a partir do paradigma corporativo de Antônio Manuel Hespanha”; em segundo lugar, “a missão da Companhia no Brasil e suas motivações históricas”; em terceiro lugar, “o conteúdo da reforma e conversão religiosa e cultural dos portugueses”; e em quarto lugar, “a instrumentalidade cultural do Colégio, fundamentalmente de seu método pedagógico, o *Ratio Studiorum*”.

Sangenis (2004) se propõe, em sua tese de doutorado em Educação, “escovar ‘a contrapelo’ a memória educacional brasileira”. Para ele, “a metáfora benjaminiana explica o intento desta tese”, o que significa

[...] controverter as reminiscências dos nossos anos escolares, reforçadas pela historiografia corrente que, em via de regra, reportam-nos, ao presumível exclusivismo da atividade missionária/educacional da Companhia de Jesus, a partir de sua chegada à Bahia, em 1549, apesar do protagonismo “em geral, ignorado ou silenciado” de outras Ordens Religiosas, na cena educacional brasileira, no período colonial.

O interesse do autor, em especial, é pela “atividade missionária/educacional dos franciscanos, presentes no Brasil desde 1500, marcada por disputas com os jesuítas”. Nesta perspectiva, o autor pergunta sobre “as possíveis explicações para esse estranho e generalizado silenciamento sobre a matéria.” De seu ponto de vista, nesse campo de investigação, “deparamo-nos com uma série de problemas que vão desde o tratamento acríptico das fontes documentais disponíveis às cristalizações de conceitos equivocados, construídos ao longo do tempo, ainda hoje persistentes”.

Para Sangenis (2004), a

[...] análise das rivalidades e das questões disputadas entre o franciscanismo e o jesuitismo, no Brasil, considerando-se as suas conexões internacionais, permitiu a compreensão dos processos que instituem o pensamento único, na educação, à medida que as práticas uniformizadoras buscaram suprimir o pensamento e a ação permeados pelo valor da diferença.

Nogueira (2005), em sua tese de doutorado em Educação, que tem por foco os jogos e as brincadeiras no Brasil colonial, “aborda o universo lúdico infantil do Brasil-Colônia, a partir dos escritos e quadros dos jesuítas e viajantes, observadores diretos da vida na colônia”.

Para identificar e caracterizar as brincadeiras infantis, Nogueira (2005) recorre a autores como Rabelais, Vives, Erasmo, Bruegel, Martin Van Cleef e outros e aos programas e práticas dos colégios jesuítas no Brasil e na Europa, “procurando entrecruzar os aspectos “sociais, políticos, religiosos, morais e educacionais”.

A autora argumenta que “o jogo era considerado atividade não séria pelos adultos”, embora “os educadores e intelectuais da época [usassem-no] para ensinar e como forma de refazer as energias e descansar o espírito para o estudo”. Assim, “não estava explícita a idéia do jogo educativo, mas já havia o uso de jogos com o intuito de ensinar”.

Nogueira (2005) elabora um histórico sobre a atuação da Companhia de Jesus no Brasil-Colônia e diz que esta “iniciou seu trabalho missionário, educativo e colonizador em 1549, com a chegada dos primeiros jesuítas, entre eles o Pe. Manoel da Nóbrega”. Afirma ainda que

158

[...] Inácio de Loyola, o fundador, trouxe para dentro da Companhia de Jesus todo o conhecimento da época, uma nova estrutura de funcionamento, sendo que os locais de missão se reportavam aos seus superiores na Europa. Os jesuítas assumiram a educação das crianças para, por meio delas, cristianizar a colônia, educar o povo de acordo com os hábitos, costumes, valores e conhecimentos europeus. Folcloristas, estudiosos e viajantes relatam a vida no Brasil colonial, destacando a família, o papel da mulher, da criança, a vida infantil e sua ludicidade.

Nogueira conclui que se pode perceber que, “apesar da convivência de diferentes raças, a influência lusa foi preponderante nas brincadeiras infantis”. Para a autora, “Portugal, país de navegadores e descobridores, foi o eixo de muitas trocas entre diferentes povos e continentes, divulgando para suas colônias brincadeiras dos lugares por onde passou”.

4.7 A pedagogia jesuítica

A pedagogia jesuítica foi focalizada em 3 dissertações de mestrado e 3 teses de doutorado.

Inserida na área de Comunicação, a dissertação de Fernandes (1978) analisa “a comunicação na catequese dos índios brasileiros praticada pelos jesuítas e oferece um retrospecto histórico sobre colonização e catequese”. O autor valoriza três meios de comunicação utilizados com objetivos catequéticos: “língua, teatro e música”.

No mestrado em Educação, Antoniazzi (1994) tratou da práxis pedagógica dos jesuítas no Brasil-Colônia 1549-1697. Para essa abordagem a autora tomou como referência “a historicidade, isto é, o estudo do movimento da teia de relações dos

jesuítas com os demais atores sociais do período”. As fontes de pesquisa foram “as cartas jesuíticas dos Padres Manoel da Nóbrega, José de Anchieta e Antonio Vieira”, nas quais buscou “identificar as relações das duas categorias de análise, fé e empresa comercial, que emergiram da revisão de literatura”.

O estudo concluiu que “a práxis pedagógica dos jesuítas no Brasil-Colônia, se, de um lado, foi apostólica, por outro, serviu aos interesses dos senhores de engenho e fazendeiros, com os índios, com os negros, com os piratas e com o poder eclesiástico”. Assim, “as relações de fé e empresa comercial são concomitantes em todo o período estudado, marcando ambas, desse modo, a práxis pedagógica da Companhia de Jesus”.

Ainda na área de Educação, a dissertação de mestrado de Vieira (1998) “analisa a construção sócio-histórica da profissão docente no Brasil, do século XV ao XIX, e pesquisa o verbete professor-professora, procurando subsídios para a compreensão das raízes históricas desta profissão”.

O autor toma como ponto de partida “a chegada da Companhia de Jesus ao Brasil (1549), período de formação dos ‘primeiros professores brasileiros natos’ e, como referencial de finalização, o ano de 1880, no qual ocorre o fenômeno de ‘feminização do magistério’ para as séries iniciais do ensino”.

Identifica no período colonial os “primeiros professores” entre os meninos índios do Brasil. Afirma que

[...] a infância foi utilizada como veículo e objeto da dominação pelos jesuítas, expulsos em 1759, e observa os pontos de contato que permearam a formação docente com o “pensamento positivista”, perpassados pelas idéias religiosas em um ambiente marcado pelo patriarcado escravocrata no século XIX.

159

Como conclusão, o estudo de Vieira (1998) verifica o processo de “feminização do magistério ‘primário’ nas duas últimas décadas do século passado” como um “fenômeno marcado pelo movimento de urbanização e industrialização dos centros mais populosos e formação das primeiras professoras brasileiras natas pelas instituições de assistência e amparo às meninas ‘órfãs e desvalidas’”. Aponta, ainda, “as causas para o afastamento dos homens da profissão docente, nas séries iniciais do ensino”. Desta perspectiva, o estudo “contribui para o entendimento da profissão do magistério e para o processo de construção das identidades individuais e coletivas dessa categoria profissional”.

Um exemplo de como a temática da concepção pedagógica dos jesuítas permeia várias áreas de conhecimento é a tese de doutorado em Engenharia de Produção de Martins (1996). O autor realiza um

[...] estudo histórico acerca da origem do ensino das ciências matemáticas no Rio de Janeiro, e, dentro desta premissa, a abordagem privilegia a concepção pedagógica empreendida pelos jesuítas no Brasil colonial (1560-1756) contrapondo-a ao projeto pedagógico do Positivismo Ilustrado inserido no contexto educativo brasileiro a partir de 1850.

Na área de Educação, Klein (1997) estuda a pedagogia dos jesuítas nos “programas de formação pedagógica, quase que exclusivamente segundo a *Ratio Studiorum*, recebeu, neste decênio, uma formulação atualizada com os recentes documentos Características da Educação da Companhia de Jesus e Pedagogia Inaciana”.

Para o autor,

[...] a educação jesuítica recupera, na experiência espiritual e na visão de Inácio de Loyola, a inspiração para o seu objetivo hoje: oferecer a melhor educação integral aos alunos para que reconheçam e invistam suas capacidades, não para usufruto individual, mas para um serviço solidário aos demais.

Deste ponto de vista, Klein (1997) argumenta que a

[...] orientação central da educação jesuítica é a justiça, e a realidade dos pobres e marginalizados o seu contexto. Para viabilizar a educação em valores é proposto um paradigma pedagógico composto de cinco dimensões: contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação. Trata-se de um modelo prático a pervadir o currículo, antes que lhe acrescentar novas disciplinas.

A pesquisa empírica para a tese de Klein foi realizada em “oito países da Europa e da América Latina, incluindo o Brasil, junto a 146 entrevistados que haviam aplicado ou ainda aplicam o projeto pedagógico de Pierre Faure e a pesquisadores de diversas universidades que o conheciam”. Como resultados, foram identificados

[...] diversos aspectos de interface entre as abordagens jesuítica e faureana e as possibilidades e limites para esta ser uma mediação para aquela aterrissar em sala de aula, contribuindo assim para formar homens e mulheres competentes, conscientes e solidários com os demais.

O autor entende que “Pierre Faure apresenta sete momentos didáticos, configuradores de um roteiro que pode implementar as cinco dimensões do paradigma jesuítico” e conclui o trabalho “refletindo, brevemente, sobre as principais antinomias detectadas nas entrevistas, em vista de uma re-significação da proposta jesuítica no mundo”.

Ainda na categoria de “educação jesuítica”, a tese de doutorado de Casimiro (2002) trata da função educativa da Igreja no Brasil colonial “em uma época em que dilatar o Império era um objetivo conquistador do Reino, mas, também, interesse da Igreja, que via ampliar-se o espaço para a propagação da Fé”. A autora afirma que “como um dos principais grupos de então estavam os jesuítas, dentre os quais o italiano Jorge Benci, que viveu na Bahia entre 1681 a 1700”. Como hipótese, afirma “que no Brasil colonial, além da pedagogia jesuítica sistematizada para alguns portugueses brancos e além da pedagogia jesuítica sistematizada para a educação e evangelização dos índios, foi elaborada uma terceira pedagogia destinada aos africanos escravizados”. Deste ponto de vista, havia “uma concepção pedagógica contendo princípios pedagógicos, missão, pressupostos psicológicos da aprendizagem, regras, objetivos, conteúdos, métodos, técnicas e normas disciplinares que se daria por mecanismos de controle da Igreja e do Estado”.

Para responder às questões e testar o conjunto de hipóteses, Casimiro (2002) analisa a concepção pedagógica jesuítica acerca da educação dos escravos negros, naquele contexto, tomando como núcleo de análise o livro do jesuíta Benci, publicado no ano de 1700: *Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos*.

Considerando-se “a natureza do tema, situado no campo das representações, a sua inserção histórica e suas implicações ideológicas, literárias e religiosas”, a autora

“privilegia o uso das categorias de análise dialética”. A tese está estruturada em cinco partes. Na Parte 1 são revisadas “as pedagogias religiosas cristãs e jesuítica, especialmente”. Na Parte 2 é “contextualizada a vida material, a sociedade e a mentalidade colonial, e reapresentado como se deu a caminhada da Igreja na marcha colonizadora do Império Português”. Na Parte 3 são “apresentados alguns dados da vida de Benci, as leituras que influenciaram as idéias expressas no seu livro, os argumentos de autoridades usados em sua tese e as influências legadas por ele às idéias vindouras”. Na parte 4, a obra é analisada como expressão da cultura colonial, e a autora caracteriza a metodologia e analisa as categorias pedagógicas constantes no texto. A seguir são analisados “os procedimentos pedagógicos utilizados ou aconselhados por Benci, evidenciando como foram utilizados os conteúdos”. Na parte final, a autora confirma a hipótese norteadora da tese de que “havia, além da proposta pedagógica para os colégios e para as missões, uma terceira concepção pedagógica para os negros”. A hipótese é confirmada

[...] afirmando que esta concepção foi elaborada por Jorge Benci, com a anuência da Companhia de Jesus e da Igreja, como uma pedagogia contendo o que, na linguagem atual, chamaríamos: princípios pedagógicos, missão, pressupostos psicológicos da aprendizagem, regras, objetivos, conteúdos, métodos e técnicas, avaliação e normas disciplinares.

Casimiro (2002) conclui sua tese

[...] afirmando que os princípios do jesuíta tiveram um objetivo colonizador, missionário e evangélico, mas as suas intenções foram, também, as de equacionar necessidades do seu tempo: controlar a classe dos escravos, em número crescente, fazer aceitável o poder de dominação, punir dentro dos limites, doutrinar sem despertar a consciência da liberdade. Nessa intenção, seus discursos encaminham senhores e escravos para a aceitação do poder constituído.

Finalizando, para a autora

[...] fica claro que o jesuíta italiano Jorge Benci foi um dos ideólogos justificadores e reformadores da escravidão colonial, não chegando, porém, a um grau de consciência cristã compatível com princípios evangélicos contrários à escravidão. Conseqüentemente, sua proposta pedagógica funcionou como elemento catalisador das relações econômicas e sociais.

4.8 *Ratio Studiorum*: o plano de estudos dos jesuítas

O *Ratio Studiorum*, segundo Gomes (1995), não é

[...] um tratado de pedagogia, mas um código, um programa, uma lei orgânica que se ocupa do *conteúdo* do ensino ministrado nos colégios e universidades da Companhia e que impõe *métodos e regras* a serem observados pelos responsáveis e pelos professores desses colégios e universidades.

Segundo Sousa (2003),

[...] este Plano de Estudos oferece aos professores da Companhia um *curriculum* fixo e um conjunto coerente e graduado de objectivos e de métodos, desde as classes de Gramática até às de Teologia, que foram seguidas, quase sem alteração, até 1832, sob o nome de *Ratio Studiorum*. O título completo é *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Jesu*.

Entre as 40 teses e dissertações analisadas, apenas duas dissertações de mestrado dedicaram-se a estudar o *Ratio Studiorum*, ambas orientadas pelo professor José Maria de Paiva (Unimep).

O estudo de Silva (2001), intitulado *Ratio Studiorum: uma leitura dos elementos da didática*, assinala que “o principal paradoxo à condição de professor é ser submetido a um modelo ideal de educação com alto grau de exigência, enquanto as condições de exercício da profissão são herança do século XVI”. Esta herança, para a autora, “é um legado do *Ratio Studiorum*, documento elaborado com vistas à organização das escolas jesuíticas”. A dissertação visou “elucidar as raízes históricas dessa herança, analisando os elementos da Didática presentes no documento e tendo como pressuposto que o exercício de retornar às origens de conceitos comuns da prática docente é essencial para pensá-la criticamente”.

Por sua vez, Dias (2002) teve por finalidade realizar uma análise textual do Plano de Estudo da Companhia de Jesus, o *Ratio Studiorum*. Segundo o autor, o “Plano não se apresenta como um tratado sobre educação, mas sob a forma de um código de regras, minuciosamente prescritas. O *Ratio Studiorum* foi definitivamente aprovado em 1599, fundado numa experiência de quarenta anos”.

Para Dias (2002) a “proposta educacional jesuítica deve ser entendida dentro do contexto que lhe deu origem, marcado pelos descobrimentos, pelo desenvolvimento mercantilista, pela renovação espiritual”.

No primeiro capítulo, o autor mostra que “a visão de mundo é ainda socialmente religiosa, por isto a hierarquia e a obediência se apresentam como princípios organizadores da vida”. Neste aspecto, “a educação tem, pois, por objetivo fundamental, a “salvação” e, em segundo lugar, a ciência”.

Esboçada a finalidade da educação, o autor analisa

[...] a organização do colégio (função do Provincial, do Reitor, do Prefeito dos Estudos, do Pretor e do Bedel), a organização dos estudos, a relação professor/aluno, a metodologia do ensino e do estudo (aula, estudo privado, disputas, repetição, academia), a disciplina e a obediência, mostrando as diretrizes e, sob elas, a concepção de mundo e de educação.

Ao finalizar, o autor afirma que o trabalho realizado “não se propôs a uma análise contextual, procurando entender as razões sociais que levaram os jesuítas a determinar esse tipo de procedimento definido pelo *Ratio*: ficou na análise do texto enquanto tal”.

4.9 Língua e literatura no período colonial

Ao focalizarem o Brasil “indianizado” do século 16, Ferreira e Bittar (2004) chamam a atenção para o fato de que naquele momento “predominava a pluralidade lingüística, destacando-se o tupi e o português”. Para estes autores, “o primeiro era a língua ‘geral’ (nheengatu), falada por todos e de aprendizado obrigatório para os jesuítas; o segundo estava restrito às casas de bê-á-bá mantidas pela Companhia de Jesus”.

Como se vê, a contribuição das áreas de Lingüística, Letras e Artes são fundamentais para a compreensão da atuação pedagógica dos jesuítas no período

colonial no Brasil. Entre os 40 trabalhos analisados foram identificadas uma tese de doutorado em Língua Portuguesa e uma dissertação de mestrado em Literatura Brasileira.

A tese de Casagrande (2001) objetivou compreender “como se deu o processo de implementação do ensino da Língua Portuguesa em Portugal e no Brasil no século XVI”. Para tanto, a autora buscou “traçar não só um percurso historiográfico desse ensino, mas também da implantação de uma política lingüística implementada pela metrópole na colônia”. A pesquisa utilizou-se de fontes primárias – quais sejam *A Gramática da Linguagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira e a *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros, ambas publicadas em Portugal em 1536 e 1540, e as *Cartas dos Padres Manoel da Nóbrega e José de Anchieta*, enviadas do Brasil a Portugal no período de 1549 a 1584 – e de fontes secundárias. Com base nas diversas publicações consultadas ao longo da pesquisa, a autora pôde “traçar o percurso historiográfico do ensino de Língua Portuguesa não só em Portugal, durante o século XVI, mas também no Brasil nesse mesmo período”.

Os documentos foram analisados por meio de “categorias estabelecidas a partir da leitura das fontes primárias com o objetivo de contribuir para a construção de um método de trabalho, na área de Historiografia Lingüística, para os documentos produzidos no século XVI”.

Após a análise, tendo como referencial as categorias selecionadas, a autora verificou que “os jesuítas desenvolveram um método próprio para ensinar Língua Portuguesa, distinto daqueles utilizados na metrópole”.

Realizado na área de Literatura Brasileira, o objetivo do estudo de Oliveira (2002) foi o de realizar um “levantamento das tópicas discursivas e sociais encenadas na obra do poeta brasileiro Manuel Inácio da Silva Alvarenga – especificamente nos poemas *À Mocidade Portuguesa* e *O Deserto*, feitos em louvor às reformas educacionais promovidas pelo Marquês de Pombal no século XVIII”.

Segundo o autor, “essas reformas visavam extirpar da educação portuguesa as marcas deixadas pelo método peripatético utilizado nas escolas da Companhia de Jesus, instituição que era, desde meados do século XVI, a grande responsável pelo ensino português”.

A dissertação de Oliveira (2002) ressalta “a importância da Companhia na organização teológico-política do Estado e analisa a sistematização do ensino jesuítico exposta no compêndio *Ratio Studiorum*, publicado em 1599”.

Para o autor, “os antecedentes da superação do método jesuítico são expostos na análise da importância crescente que as idéias iluministas assumem em Portugal, introduzidas pelos clérigos da Congregação do Oratório, mas refratadas por uma cultura essencialmente conservadora e católica”.

4.10 As missões jesuíticas

A Companhia de Jesus iniciou as suas atividades catequizadoras no sul do Brasil, a partir do sul de Paranaguá. Desde o tratado de Tordesilhas a região esteve envolta em disputas entre Portugal e Espanha. O vale oriental do Rio Uruguai era

habitado pelo povo guarani, e os jesuítas, em sua maior parte de origem espanhola, tiveram tempo e liberdade para convertê-lo ao cristianismo ao mesmo tempo em que passavam a eles os valores da cultura européia ocidental. Os guarani foram reunidos pelos jesuítas para fins de conversão ao cristianismo em uma confederação de sete cidades autônomas, cada uma correspondente às sete tribos originais: *San Nicolás*, *San Luís*, *San Lorenzo*, *San Borja*, *Sant'Angel Custódio*, *San Baptista* e *San Miguel*.

Duas dissertações de mestrado, defendidas na mesma instituição (UFMS), mas em programas de pós-graduação diferentes, como já mencionamos, enfocam as missões jesuíticas: são os trabalhos de Brum (1998 e 1999), que se voltam ao estudo dos Sete Povos das Missões. O primeiro caracteriza-se como

[...] um estudo transdisciplinar entre a História, o Folclore, a Educação, a Literatura e a Antropologia, que, sob o prisma teórico-metodológico do Paradigma da Complexidade, tem por objetivo demonstrar a viabilidade da utilização das lendas de temática missioneira como fonte hábil à construção historiográfica.

Nesta perspectiva,

[...] a transição do mundo guarani, coordenada pelos jesuítas durante os séculos XVII e XVIII, nos Sete Povos das Missões, foi estudada a partir de duas lendas – *Angüera* e *Casa de Mbororé* –, na versão de João Simões Lopes Neto, retratadoras da conversão do guarani e das identidades missionieras, respectivamente.

164

A autora busca nestes discursos de “integração/desintegração colonial as estratégias utilizadas na conversão dos guaranis e os mecanismos de justificação e/ou resistência ao processo a que estes foram submetidos”. Tendo em vista “o projeto de integração colonial destes territórios e seus habitantes à Coroa Espanhola, em que se configurou a experiência missioneira”, e “atentando a dialeticidade com as fontes e seu caráter estético no que concerne as suas relações com o universo guarani e jesuítico-hispânico”, a análise destas expressões do imaginário foi efetuada por meio das categorias integração colonial/integração social/integração com o mundo”. A autora relaciona “a conversão apresentada no lendário com a formação de novas mentalidades e identidades através de atuação pedagógica dos jesuítas, com o intuito de efetivar o projeto de integração colonial que representavam”.

Ainda na linha dos estudos transdisciplinares entre História, Educação e Antropologia, a segunda dissertação de Brum (1999) teve por objetivo “demonstrar a possibilidade de utilizar a categoria integração, em suas três acepções: integração colonial, social e no mundo, para estudar a História da Integração colonial ocorrida nos Sete Povos das Missões, tendo como fonte os escritos do Padre Antônio Sepp – agente evangelizador integrador –, sujeito protagonista desta experiência em dois destes povoados (São Miguel e São João Batista)”.

Para tanto, a autora analisa os escritos de Sepp – *Viagens às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos* (1710) e *Algunas Advertências tocantes al Gobierno Temporal de los Pueblos* (1732) – como fontes literárias em que se constituem. O objetivo foi “atentar para o imaginário social de Sepp, em que se configuram como expressão, destacando o caráter estético e dialético das mesmas, como peculiaridades tendentes a propiciar uma melhor visualização desta experiência”.

Nesse sentido, a autora “buscou o entendimento da história da integração colonial ocorrida nos Sete Povos das Missões, a partir de um olhar contemplativo de sua complexidade, enquanto processo histórico relacionado com a expansão das Coroas Ibéricas nas regiões platinas”. Também buscou, na visão de Sepp sobre esta experiência, “as razões explicativas de sua estruturação e manutenção”.

Para Brum (1999), “as estratégias corporificadas nos instrumentos utilizados pelos jesuítas para a inserção dos guaranis transmigrados, já convertidos, justificadoras desta experiência”, foram estudadas, e, também, foi “relacionada a atuação dos jesuítas com a educação, no sentido de que o projeto de integração destes territórios e seus habitantes, para ser entendido em sua lógica, teve como base a relativa integração social dos guaranis às Missões.”

Em suma, a autora conclui que

a História da Integração no Prata, no que concerne a este fato histórico de longa duração, contou com a pedagogia jesuítica a serviço dos interesses colonialistas, traduzida através de inúmeros instrumentos de integração social, relacionados à estrutura e dinâmica da sociedade missioneira em seus aspectos materiais e imateriais.

Considerações finais

Ao finalizar a exposição dessas 40 teses e dissertações, esperamos ter apresentado um breve panorama dos principais estudos sobre educação jesuítica no período colonial brasileiro.

Os trabalhos aqui apresentados apontam a marcante presença das abordagens da História, a incorporação da Lingüística e da Literatura nas análises relativas aos textos e discursos produzidos pelos jesuítas, bem como a presença ainda tímida de outras áreas de conhecimento, como a Música, a Arqueologia, a Etnologia e a Filosofia, que comparecem com poucos trabalhos.

Notou-se ainda que as abordagens no campo da Educação, em termos quantitativos, ainda são reduzidas – 40 trabalhos entre 275 localizados, ou seja, 14,5%–, indicando que esta área ainda tem muito a contribuir, mormente quando se considera a prolongada presença dos jesuítas no País durante 210 anos e suas ações pedagógicas.

Os achados indicaram que a pesquisa pode ser ampliada com a incorporação de outros tipos de produções científicas, especialmente artigos de periódicos, aos quais devem ser acrescidas as dissertações e teses defendidas no exterior, mormente aquelas oriundas de países onde os jesuítas tiveram marcante presença.

A pesquisa realizada também permitiu conhecer o comportamento da produção científica da área em determinado período e espaço. Como afirma Assunção (2006), “as vozes hoje referentes aos jesuítas são amplas e a documentação permite vários enfoques”. Para este historiador, “temos muito a discutir e estudar”, uma vez que “há documentos que merecem ser retomados, até aqueles do século 19, para verificar como a sociedade pensava o período em que ela foi dominada”. E destaca: “Daqui a 30 anos nossas abordagens podem ser questionadas ou não, com a descoberta de novos documentos”. Para Assunção (2006), “o trabalho do historiador é ir às fontes e fazê-las vir a luz através de publicação de fontes primárias que existem nos arquivos”.

Com relação às principais tendências do tema educação jesuítica no Brasil colonial e com vista a futuros estudos, recorreremos ao texto de Alves (2003), que aponta que

[...] o rastreamento das tendências historiográficas centradas na análise da obra jesuítica, em especial daquelas difundidas no Brasil, permite constatar, pelo menos, quatro conjuntos expressivos: 1) uma tendência apologética, constituída pelos escritos dos cronistas vinculados à própria Companhia de Jesus, que atravessou todo o período colonial e atingiu nossos dias; 2) outra, integrada pelas obras de combate a essa ordem religiosa, produzidas intensivamente durante o período pombalino, mas que foi rareando suas manifestações, de forma progressiva, ao longo dos séculos XIX e XX; 3) a tendência que realizou a recuperação paulatina da imagem da congregação, a partir do século XIX, que reúne elaborações pouco homogêneas do ponto de vista teórico-metodológico; e 4) a composta por análises subordinadas à teologia da libertação, vigorosa na segunda metade do século XX, que tem clamado contra os desvios da ação educacional e catequética dos jesuítas no Brasil-Colônia.

De alguma forma, algumas destas tendências estão presentes nos textos apresentados neste trabalho.

Por último, mas não menos importante, cabe reafirmar que os resultados apresentados nesta Seção são apenas um módulo de pesquisa em andamento que tem como objetivo realizar um mapeamento da produção científica sobre o período colonial brasileiro e educação jesuítica no Brasil-Colônia. Espera-se, contudo, que os achados aqui apresentados permitam oferecer condições para que as áreas de História da Educação e História do Brasil colonial possam refletir sobre seus avanços e lacunas, com base na reflexão sobre o conhecimento científico que se encontra produzido, registrado e disseminado.

Referências bibliográficas

ALVES, Gilberto Luís. Origens da escola moderna no Brasil: a contribuição jesuítica. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 617-635, maio/ago. 2005.

_____. A obra educacional da Companhia de Jesus, segundo a historiografia. *Revista HISTEDBR On-Line*, Campinas, n. 9, mar. 2003. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art11_9.html. Acesso em: set. 2006.

ASSUNÇÃO, Paulo de. *Educação, história e cultura no Brasil colonial: TV CECH em debate*. São Carlos: UFSCar, 2006. Disponível em: <http://www.ies.ufscar.br/tvcech/>. Acesso em: set. 2006.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Origem da literatura brasileira: período pré-barroco (a poesia de Anchieta). *Cadernos da ABF*, v. 3, n. 1, s.d. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/abf/volume3/numero1/>. Acesso em setembro de 2006.

BITTAR, M. *O estado da arte em história da educação brasileira após 1985: um campo em disputa*. Campinas: HISTEDBR-DEFHE/FE/Unicamp, 2005. (Ciclo de Conferências em História da Educação). Videoconferência disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/servicos/eventos-agenda-junho.html>. Acesso em: set. 2006.

BOURDIEU, Pierre. Método científico e hierarquia social dos objetos. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. (Org.). *Escritos de educação*. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas "estado da arte". *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FERREIRA JR., Amarílio; BITTAR, Marisa. Pluralidade lingüística, escola de bê-á-bá e teatro jesuítico no Brasil do século XVI. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 86, p. 171-195, abr. 2004.

GOMES, Joaquim Ferreira. O 'Ratio Studiorum' da Companhia de Jesus, In: _____. *Para a História da Educação em Portugal: seis estudos*. Porto: Porto Ed., 1995. p. 25-42.

PAIVA, José Maria de. *Colonização e catequese*. São Paulo: Arké, 2006.

PAIVA, Wilson José. Educação no Brasil: contos e recontos. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 3. n. 7, p. 29-36, set./dez. 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SOUSA, Jesus Maria. Os jesuítas e a *Ratio Studiorum*: as raízes da formação de professores na Madeira. *Isleña*, Funchal (Ilha da Madeira), v. 32, p. 26-46, jan./jun. 2003.

167

Apêndice

Teses e dissertações defendidas de 1973 a 2005

AMOROSO, Marta Rosa. *Catequese e evasão: etnografia do aldeamento indígena de São Pedro de Alcântara, Paraná (1845-1855)*. 1998. 200 p. Orientadora: Maria Manuela Carneiro da Cunha. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – FFLCH/USP, São Paulo, 1998.

_____. *Guerra Mura no século XVII: versos e versões.*, 1991. Orientador: Roberto Cardoso de Oliveira. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – IFCH/Unicamp, Campinas, 1991.

ANTONIAZZI, Maria Regina Filgueiras. *A historicidade da práxis pedagógica dos jesuítas no Brasil-Colônia: 1549-1697*. 1994. 433 p. Orientador: Luis Felipe Perret Serpa. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFBA, Salvador, 1994.

ARAGÃO, Virgínia Cruz de. *Educação no Brasil no século XVI: um estudo da pedagogia de José de Anchieta*. 1993. Orientadora: Maria Angela Vinagre de Almeida. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.

ASSUNÇÃO, Paulo de. *Negócios jesuíticos: a administração dos bens divinos*. 2001. Orientadora: Mary del Priore. Tese (Doutorado em História) – FFLCH/USP, São Paulo, 2001.

_____. *Terra dos brasis: a natureza da América portuguesa vista pelos primeiros jesuítas*. 1995. Orientadora: Mary del Priore. Dissertação (Mestrado em História) – FFLCH/USP, São Paulo, 1995.

BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. *Jesuítas e seus sucessores: mochos e chiquitos (1767-1830)*. 1970. Orientador: Manuel Nunes Dias. Dissertação (Mestrado em História) – FFLCH/USP, São Paulo, 1970.

BONATO, Sérgio Luiz. *Educação e modernidade: o pensamento educacional dos jesuítas – John Locke e Jean-Jacques Rousseau na era das ciências e da filosofia moderna*. 1998. Orientadora: Siomara Borba Leite. (Dissertação de Mestrado em Educação) – UERJ, Rio de Janeiro, 1998.

BRUM, Ceres Karam. *Integração: uma categoria para estudar a ação do Padre Antonio Sepp nas Missões*. 1999. Orientador: Júlio Ricardo Quevedo dos Santos. Dissertação (Mestrado em Integração Latino-Americana) – Santa Maria: PPGMILA/UFSM, 1999.

_____. *Lendário missionário: pedagogia jesuítica para a integração colonial nos Sete Povos das Missões*. 1998. Orientador: Jorge Luiz da Cunha. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFSM, Santa Maria, 1998.

CARVALHO, Carlos Alberto de. *Manuel da Nóbrega: das cartas ao Diálogo sobre a Conversão do Gentio*. 2005. Orientador: Gilberto Mendonça Teles. Tese (Doutorado em Letras) – PUC/RJ, Rio de Janeiro, 2005.

_____. *Sob os auspícios de profetas messiânicos e escritores profanos: uma leitura do messianismo português à luz da interpretação de Antonio Vieira*. 1996. 198 p. Orientadora: Eliana Lúcia Madureira Yunes. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1996.

CÁS, Danilo da. *A universidade luso-brasileira: universidade de fato – 1572-1822*. 1996. 544 p. Orientador: Ivan Aparecido Manoel. Tese (Doutorado em História) – Unesp, Franca, 1996.

CASAGRANDE, Nanci dos Santos. *A implantação da língua portuguesa no Brasil do século XVI: um percurso historiográfico*. 2001. 370 p. Orientadora: Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – PUC-SP, São Paulo, 2001.

CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos. *Economia Cristã dos senhores no governo dos escravos: uma proposta pedagógica jesuítica no Brasil-Colônia*. 2002. 466p. Orientadora: Marli Geralda Teixeira. Tese (Doutorado em Educação) – UFBA, Salvador, 2002.

_____. *Mentalidade e estética na Bahia colonial: a venerável ordem terceira de São Francisco de Assis e o frontispício da sua igreja*. 2002. 237 p. Orientadora: Sofia Olszewski. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – UFBA, Salvador, 2002.

COLARES, Anselmo Alencar. *Colonização, catequese e educação no Grão-Pará*. 2003. Orientador: José Claudinei Lombardi. Tese (Doutorado em Educação) – FE/Unicamp, Campinas, 2003.

CONSIGLIO, Vittorio. *Fontes missionárias e história indígena: um inventário analítico sobre textos jesuíticos nos arquivos romanos referentes a missão em Maranhão e Grão-Pará, séculos XVII-XVIII*. 1997. 263 p. Orientadora: Maria Manuela Carneiro da Cunha. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – FFLCH/USP, São Paulo, 1997.

_____. *Os jesuítas no Maranhão e Grão-Pará: formação e escrita da missão*. 2003. 220 p. Orientador: José Jeremias de Oliveira Filho. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – FFLCH/USP, São Paulo, 2003.

COSTA, Célio Juvenal. *A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo: o império português (1540-1599)*. 2004. 245 p. Orientador: José Maria de Paiva. Tese (Doutorado em Educação) – Unimep, Piracicaba, 2004.

DAMASCENO, Raimundo Alberto Figueiredo. *Origens da educação estatal na América Portuguesa*. 1998. 238 p. Orientador: Antonio Chizzotti. Tese (Doutorado em Educação) – PUC-SP, São Paulo, 1998.

DEBONI, Mirian Aparecida. *Os textos de José Anchieta e o imaginário religioso: ficção X texto sagrado*. 2002. 130 p. Orientador: Suzi Frankl Sperber. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Unicamp, Campinas, 2002.

DECKMANN, Eliane Cristina. *O imaginário dos séculos XVI e XVII: suas manifestações e alterações*. 1991. 572 p. Orientador: Bartolomeu Litteras Melia. Dissertação (Mestrado em História) – Unisinos, São Leopoldo, 1991.

DIAS, Ana Lúcia Bentes. *Educação e cultura brasileira: um estudo sobre o teatro anchietano*. 2001. 86 p. Orientador: José Maria de Paiva. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unimep, Piracicaba, 2001.

DIAS, Geraldo Aparecido. *A pedagogia jesuítica: uma leitura do Ratio Studiorum*. 2002. 75 p. Orientador: José Maria de Paiva. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unimep, Piracicaba, 2002.

DIEZ, Carmen Lúcia Fornari. *O "bas-fonds" da educação no Brasil colonial*. 2001. 272 p. Orientador: Francisco Cock Fontanella. Tese (Doutorado em Educação) – Unimep, Piracicaba, 2001.

FERNANDES, Francisco Assis Martins. *Comunicação na pedagogia dos jesuítas na era colonial*. 1978. Orientador: Virgílio Noya Pinto. Dissertação (Mestrado em Comunicações) – ECA/USP, São Paulo, 1978.

FFECILCAM, Helena Aiko Rilt. *Herança cultural na educação brasileira: evolução histórica da Companhia de Jesus em Portugal e Brasil-Colônia*. 1994. 105 p. Orientador: Elias Boaventura. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unimep, Piracicaba, 1994.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. *Sentir, adoecer e morrer: sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVII*. 1999. Tese (Doutorado em História) – PUC-RS, Porto Alegre, 1999.

FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves. *Imaginação social jesuítica e instituição pedagógica Maranhão e Grão-Pará século XVII*. 1984. Orientador: Luiz de Castro Faria. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1984.

_____. *O combate dos soldados de cristo na terra dos papagaios*. Orientador: Luiz de Castro Faria. 1975. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1975.

HADDAD, Ibrahim. *A educação brasileira dos séculos XVI e XVII: o ensino humanístico e prático da Companhia de Jesus no Brasil dos séculos XVI e XVII*. 1973. Tese (Livre-Docência) – FDHSS/Unesp, Franca, 1973.

HERNANDES, Paulo Romualdo. *O teatro de José de Anchieta: arte e pedagogia no Brasil-Colônia*. 2001. Orientador: Joaquim Brasil Fontes Júnior. Dissertação (Mestrado em Educação) – FE/Unicamp, Campinas, 2001.

KERN, Arno Alvarez. *A organização política das Missões da província jesuítica do Paraguai: 1641-1707*. 1979. Orientador: Olívio Manfroi. Dissertação (Mestrado em História) – IFCH/PUC-RS, Porto Alegre, 1979.

KLEIN, Luiz Fernando. *O atual paradigma pedagógico dos jesuítas e a proposta de Pierre Faure: educação personalizada e solidariedade*. 1997. 382 p. Orientador: Selma Garrido Pimenta. Tese (Doutorado em Educação) – FE/USP, São Paulo, 1997.

LEHMKUHL, José Mauro. *Gênese da escola colonial brasileira*. 1991. 170 p. Orientadora: Neide Almeida Fiori. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFSC, Florianópolis, 1991.

LUZ, Guilherme Amaral. *Carne humana: a retórica do canibalismo na América Portuguesa quinhentista*. 2003. Orientador: Paulo Miceli. Tese (Doutorado em História) – IFCH, Campinas, 2003.

_____. *As festas e seus papéis: as representações e dramatizações alegóricas jesuíticas no interior das festas religiosas do Brasil quinhentista*. 1999. 152 p. Orientador: Paulo Celso Miceli. Dissertação (Mestrado em História) – Unicamp, Campinas, 1999.

MARTINS, Vanderlei. *Primórdios do ensino técnico e das ciências no Rio de Janeiro: duas propostas*. 1996. 331 p. Orientador: Roberto Cintra Martins. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.

MASSIMI, Marina. *Descoberta, ação, conhecimento e poder no Brasil colonial: estudos histórico-psicológicos*. 1995. Tese (Livre-Docência) – USP, Ribeirão Preto, 1995.

MEDINA, Flavia Maria Teixeira de. *A educação jesuítica hoje e os desafios da (in)formação*: Colégio Nóbrega do Recife. 2002. 83 p. Orientadora: Leda Rejane Accioly Sellaro. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPE, Recife, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Presença do Brasil na Companhia de Jesus: 1549-1649*. 1976. Orientadora: Sonia Aparecida de Siqueira. Tese (Doutorado em História) – FFLCH/USP, São Paulo 1976.

MENEGUETTI, Fernando Krob. *A educação do índio no Brasil do século XVI*. 2003. 72 p. Orientador: José Maria de Paiva. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unimep, Piracicaba, 2003.

MENEZES, Maria Cristina. *Raízes do ensino brasileiro: a herança clássico-medieval*. 1999. 200 p. Orientadora: Maria Elizabeth do Prado PINTINHA, Marcos Eduardo. *Catequese e educação na obra do Padre José de Anchieta*. 2004. 120 p. Orientador: Peter Johann Mainka. Dissertação (Mestrado em Educação) – UEM, Maringá, 2004.

PISCIOTTA, Renato Matsui. *Atraso e progresso na difusão da cultura científica: o Brasil entre o Barroco e o Iluminismo no mundo luso do século XVIII*. 2006. 168 p. Orientador: Gildo Magalhães. Dissertação (Mestrado em História Social) – USP, São Paulo, 2006.

PONTES, Joel Albuquerque. *Teatro de Anchieta*. Recife: Instituto de Letras/UFPE, 1976. Tese (Livre-Docência).

PUENTES, Roberto Valdés. *La formación de Brasil: la instrumentalidad cultural de la educación jesuita – Siglo XVI (1549-1599)*. 2003. 171 p. Orientador: José Maria de Paiva. Tese (Doutorado em Educação) – Unimep, Piracicaba, 2003.

QUINTANA, Ricardo Gomes. *O ídolo de pedra*. 2003. Orientador: Gilberto Mendonça Teles. Tese (Doutorado em Letras) – PUC/RJ, Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Índia brasílica: o índio brasileiro nas cartas jesuíticas*. 2000. 318 p. Orientador: Gilberto de Mendonça Teles. (Mestrado em Letras) – PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2000.

RAMINELLI, Ronald J. *Tempo de visitas: cultura e sociedade em Pernambuco e Bahia – 1591-1920*. 1990. 252 p. Orientadora: Laura de Mello e Souza. (Dissertação de Mestrado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo, 1990.

_____. *Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira*. 1994. 281 p. Orientadora: Laura de Mello e Souza. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo, 1994.

RAYMUNDO, Gislene Miotto Catolino. *Os princípios da modernidade nas práticas educativas dos jesuítas*. 1998. 143 p. Orientadora: Lízia Helena Nagel. Dissertação (Mestrado em Educação) – UEM, Maringá, 1998.

RESENDE, Maria Leônia Chaves de. "*Gentios basilicos*": índios coloniais em Minas Gerais setecentista. 2003. 314 p. Orientador: John Manuel Monteiro. Tese (Doutorado em História) – Unicamp, Campinas, 2003.

_____. *Visões da conquista: verso e reverso – as missões jesuítas nos séculos XVI/XVII*. 1993. 315 p. Orientador: Sidney Chalhoub. Tese (Doutorado em História Social) – Unicamp, Campinas, 1993.

ROCHA FILHO, Gustavo Neves da. *São Paulo: redirecionando sua história*. 1992. Tese (Livre-Docência) – FAU/USP, São Paulo, 1992.

SANGENIS, Luis Fernando Conde. *Gênese do pensamento único em educação: franciscanismo e jesuitismo na educação brasileira*. 2004. 242 p. Orientadora: Célia Frazão Soares Linhares. Tese (Doutorado em Educação) – UFF, Rio de Janeiro, 2004.

172

SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos. *Missões jesuítico-guaranis do Prata: terra, trabalho e guerra*. 1997. 361 p. Orientador: José Sebastião Witter. Tese (Doutorado em História Social) – USP, São Paulo, 1997.

_____. *Os governos despótico-absolutistas do século XVIII e as missões jesuítico-guaranis*. 1991. 350 p. Orientador: Arno Alvarez Kern. Dissertação (Mestrado em História) – PUC-RS, São Paulo, 1991.

SANTOS, Maria Paula Garcia de Souza dos. *Escola católica e formação de elites: um projeto conservador?* 1996. 108 p. Orientadora: Rosaly Hermengarda Lima Brandão. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1996.

SEVERAL, Rejane da Silveira. *Família e fortuna em Porto Alegre: 1772-1822*. 2002. 271 p. Orientadora: Maria Beatriz Nizza da Silva. Dissertação (Mestrado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo, 2002.

_____. *Jesuítas e guaranis face aos impérios coloniais ibéricos no Rio da Prata colonial*. 1993. 241 p. Orientador: Arno Alvarez Kern. Dissertação (Mestrado em História) – PUC-RS, Porto Alegre, 1993.

SILVA, Felismina Dalva Teixeira da. *Ratio Studiorum: uma leitura de elementos da didática*. 2001. 76 p. Orientador: José Maria de Paiva. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unimep, Piracicaba, 2001.

TAVARES, Célia Cristina da Silva. *A cristandade insular: jesuítas e inquisidores em Goa (1540-1682)*. 2002. 316 p. Orientador: Ronaldo Vainfas. Tese (Doutorado em História) – UFF, Niterói, 2002.

_____. *Entre a cruz e a espada: jesuítas na América Portuguesa*. 1995. 166 p. Orientador: Ronaldo Vainfas. Dissertação (Mestrado em História) – UFF, Niterói, 1995.

TAVARES, Josefa Nunes. *O discurso épico do cristianismo em De Gestis Mendi Saa*. 2001. 258 p. Orientador: Anazildo Vasconcelos da Silva. Tese (Doutorado em Letras) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

_____. *O teatro de Anchieta: uma ideologia do poder*. 1990. 260 p. Orientadora: Maria Consuelo de Pádua Albergaria. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1990.

TORRES, Luiz Henrique. *Historiografia sul-riograndense: o lugar das missões jesuítico-guaranis na formação histórica do Rio Grande do Sul (1819-1975)*. 1997. 412 p. Orientador: Arno Alvarez Kern. Tese (Doutorado em História) – Unisinos, São Leopoldo, 1997.

_____. *O discurso historiográfico na formação histórica sul-riograndense: 1918-1964*. 1990. 223 p. Orientador: Arno Alvarez Kern. (Dissertação de Mestrado em História) – PUC-RS, Porto Alegre, 1990.

VIEIRA, Marco Antonio. *Magistério no Brasil: obscura gênese*. 1998. 94 p. Orientadora: Célia Frazão Soares Linhares. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFF, Rio de Janeiro, 1998.

WOOLLEY, Patrícia Domingos. *Os jesuítas diante de O Verdadeiro Método de Estudar*. 2004. 251 p. Orientador: Guilherme Pereira das Neves. Dissertação (Mestrado em História) – UFF, Rio de Janeiro, 2004.

WREGGE, Rachel Silveira. *A educação escolar jesuítica no Brasil-Colônia: uma leitura da obra de Serafim Leite "História da Companhia de Jesus no Brasil"*. 1993. 274 p. Orientador: Demerval Saviani. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unicamp, Campinas, 1993.

Agradecimentos: a Maycke Young de Lima, aluno do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da UFSCar e bolsista de Iniciação Científica da Fapesp, pela colaboração no tratamento bibliométrico automatizado dos dados, essenciais para o desenvolvimento da pesquisa.